



Julho - Agosto de 2003

# Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



**QUESTÕES SOBRE  
ELLEN WHITE**

**EVANGELISMO  
DE ROUPA NOVA**

**Vencendo a tirania da  
SOBRECARGA**





D. Willmore

# Pregação viva

**WILLMORE EVA**

*Editor de Ministry*

**É** manhã de sábado. Você está no púlpito, há dez minutos, pregando o sermão. A congregação acompanha atenta a sua apresentação. Mas agora, enquanto você faz a transição de uma idéia para outra, os olhos que até então estavam fixos em sua direção começam dispersar-se. Os ouvintes começam a girar os dedos e a balançar os pés. Você os perdeu.

Qual a razão por que se cria esse tão conhecido cenário? Algumas das respostas, acredito eu, têm a ver com o uso dos sentimentos e emoções na pregação.

Minha filha Amy está pesquisando para escrever uma tese doutoral na área de literatura. Parte de seu trabalho envolve o papel dos sentimentos ou emoções na interpretação, compreensão e apreciação da poesia. Ela já conseguiu documentar como a estratégia de identificação e envolvimento sentimental em uma determinada peça de poesia pode engajar poderosamente os estudantes. Através desse método, um professor pode captar a atenção dos alunos que, de outro modo, poderiam ter considerado o fragmento de verso em sua frente como uma viagem imposta a alguma estratosfera mental insignificante.

Há uma ligação legítima e muito clara entre essa abordagem à poesia e nossa pregação. Precisamos aprender a desenvolver olhos e ouvidos para os sentimentos intrínsecos nos versículos que estamos expondo.

Devemos, nós mesmos, experimentar os sentimentos que fluem do texto. Só então estaremos capacitados a comunicar tais sentimentos enquanto pregamos.

Tomemos a história de Zaqueu (Luc. 19) como exemplo. Um pregador pode dizer todo tipo de coisas boas e racionais sobre essa história; mas quando ele consegue imergir nos profundos anelos desse pequeno homem, nos impulsos da multidão, e na emoções de Cristo enquanto Ele vê Zaqueu, então a história ganha vida.

Mas, como pode alguém conseguir tirar tais coisas do texto, e fazê-lo legitimamente? O pregador deve entrar na história, o mais completamente possível, e em fervente oração fazer perguntas tais como: Há qualquer coisa à parte da pequenez de Zaqueu que o leva a fazer algo tão excêntrico e embaraçoso como correr na dianteira da multidão e subir em uma árvore? Porventura o ato de subir na árvore descre-

ve alguma coisa sobre o interior desse homem que, a princípio, pode não estar óbvia? O que está acontecendo na alma desse homem, enquanto ele corre e escala a árvore? Quais são os seus desejos, esperanças e sonhos, como sugeridos no texto? Como poderia ele ter sentido a respeito de sua pequenez e a necessidade de compensá-la? Depois, no desenvolvimento da história, o que realmente se passa entre esse pequeno homem e Jesus, quando o Mestre chega e o percebe em cima da árvore?

São essas exatamente algumas questões sugestivas, relacionadas aos sentimentos, que podemos suscitar enquanto nos preparamos para fazer um sermão sobre uma passagem tal como essa.

Existe um outro papel crucial e ainda mais notável para as emoções na pregação. Ele está relacionado com a maneira como o pregador realmente sente a respeito do Senhor. Mais especificamente, ele tem a ver com os reais sentimentos do pregador a respeito do que ele está proclamando.

Todo sermão necessita de uma certa "visão" para dirigi-lo. Por natureza, a pregação efetiva não comporta uma visão antiquada ou atrofiada. Quando a visão que o pregador tem da verdade torna-se cansada, quando se torna um lugar comum, algo estereotipado, corriqueiro, surrado, desenhado e desbotado;

quando ela é arcaica, fora de moda e ultrapassada em sua alma; quando ela acaba sendo manipulada ou teatralizada, então o sermão, inevitavelmente, se torna banal, fútil, vazio.

É impossível para uma pregação comunicativa e efetiva viver sem uma visão fresca e sentida. A pregação efetiva é implacável em demandar congruência emocional e objetiva entre o texto e o testemunho, entre a teoria e a prática, a idéia e a proclamação viva.

Eu costumava ficar surpreso com os resultados da aplicação de um sermão enquanto eu o pregava. Então compreendi que o fato de eu ter pregado bem estava relacionado à profundidade do que eu sentia sobre o que estava dizendo. Agora, mesmo antes de assumir o púlpito, sei, quase intuitivamente, se estarei captando a atenção ou se, de antemão, os olhos estarão vagueando de um ponto a outro e se os pés estarão balançando.



**É indispensável que o pregador experimente os sentimentos que fluem do texto.**

# Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 74 – Número 04 – Jul./Ago. 2003  
Periódico Bimestral

**Editor:** Zinaldo A. Santos  
**Revisoras:** Ildete Silva e Rosemara Santos

**Chefe de Arte:** Marcelo de Souza  
**Projeto Gráfico:** Alexandre Gassul Streicher  
**Programação Visual:**  
Alexandre Gassul Streicher; André Rodrigues  
**Capa:** Montagem digital de André Rodrigues sobre fotos de William de Moraes e PhotoDisc

**Colaboradores Especiais:**  
James Cress; Alejandro Bullón;  
Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

**Colaboradores:**  
Arlindo Guedes; Barito Lazo;  
Fidel Guevara; Jair Garcia Góis;  
José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;  
Mário Valente; Moisés Rivero;  
Rafael L. Monteiro; Roberto Pinto

**Diretor Geral:** José Carlos de Lima  
**Diretor Financeiro:** Antonio Oliveira Tostes  
**Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br>  
Serviço de Atendimento ao Cliente:  
[sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)  
Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)  
Ministério na Internet:  
[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)  
[www.dsa.org.br/revistaelministerio](http://www.dsa.org.br/revistaelministerio)

Tiragem: 4.500 exemplares  
5953/10959

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:  
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA  
CERTIFICADA PELA ISO 9002

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

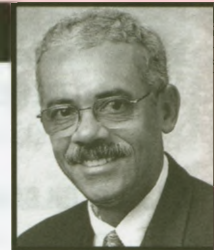
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,  
18270-970 Tatuí, SP



EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

## EDITORIAL



# Trabalho, limites e prioridades

**H**á quem considere o trabalho mais maldição do que bênção da parte de Deus. Ledo engano. Nos dias do Antigo Testamento, o trabalho era altamente honrado, como parte integral da vida e fonte de satisfação. A queda do homem alterou as condições do trabalho sem diminuir o seu valor.

Após o pecado, o Senhor disse a Adão: “Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que Eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida” (Gên 3:17). Porém essa declaração não ensina que o trabalho como tal está sob maldição ou que é o resultado de uma maldição. O seu correto significado é que, daquele momento em diante, a sobrevivência seria mais difícil. Aliás, o trabalho foi instituído antes da entrada do pecado no mundo. “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gên. 2:15). No Novo Testamento, o trabalho continua sendo visto como uma forma normal de vida para todos. Nenhum dos conceitos enunciados no Antigo Testamento é anulado; ao contrário disso, todos eles são enfatizados.

O trabalho é uma bênção divina. Se isso é uma verdade aplicável a outras atividades, o que diríamos em relação ao trabalho pastoral? No entanto, há pastores que se dizem doentes, estressados, em virtude das atividades que realizam. Certamente o problema não reside no trabalho em si, mas na maneira como o administram.

Richard A. Swenson, em seu livro *Como Conviver Bem Com as Pressões*, cita a experiência de um camponês, chamado Pakhom, que comprava e vendia terras. Estava sempre buscando adquirir extensões cada vez maiores de terra. Um dia, viajou a um país distante, a fim de realizar um grande negócio. Lá encontrou um ancião que lhe falou da possibilidade de adquirir toda a terra que desejasse por mil rublos por dia; isto é, a área que conseguisse circundar em um dia seria sua. Mas deveria estar de volta ao ponto de partida ao pôr-do-sol. Do contrário, perderia tudo.

Pakhom, juntando a quantia estabelecida, iniciou então a caminhada, sob o sol causticante, por vales e montes, cavando buracos para marcar os limites das terras conquistadas. E tentava conquistar o máximo. Ao pôr-do-sol, estava de volta ao lugar marcado. Todavia, ao ser recebido por seu servo, exausto, caiu morto. O desejo de conquista e realização não é mau. O perigo é quando excedemos nossos limites na tentativa de satisfazê-lo.

Embora tenha nas mãos tarefas homéricas para realizar, o pastor deve sempre lembrar que é humano, com limites. Conseguirá executá-las de modo saudável e exitoso, se aprender a planejar seu tempo e trabalhar respeitando prioridades no contexto da missão. E a lista dessas prioridades tem no topo o trinômio Deus, crescimento espiritual pessoal e a família.

Zinaldo A. Santos



## ARTIGOS

- 11 • OS FILHOS DE LÓ** • Necessitamos criar barreiras que protejam a família das influências externas.
- 13 • O JULGAMENTO DE DEUS** • O juízo que precede o segundo advento proporcionará aos seres celestiais amplas informações sobre as questões do grande conflito.
- 17 • A TIRANIA DA SOBRECARGA** • Veja o resultado de uma pesquisa que o ajuda a administrar melhor o tempo e a partilhar responsabilidades.
- 21 • EVANGELISMO DE ROUPA NOVA** • Como vencer o desafio da evangelização numa cultura pós-moderna.
- 24 • PERFIL DE UM LÍDER** • As qualidades que o habilitam a exercer uma liderança eficaz.
- 27 • CANTANDO EM TERRA ESTRANHA** • Mesmo em condições desfavoráveis, de reveses e frustrações, louvar é sempre a melhor saída.
- 29 • QUESTIONAMENTOS SOBRE ELLEN WHITE** • Análise das críticas feitas ao dom profético da Sra. White e estratégias para enfrentá-las com êxito.

## SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL
- 3** EDITORIAL
- 4** CARTAS
- 5** ENTREVISTA
- 8** AFAM
- 9** PONTO DE VISTA
- 16** IDÉIAS
- 32** NOTÍCIAS
- 34** RECURSOS
- 35** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



*“O trabalho parece ter uma forma de se tornar tirânico em nossa vida, embora o Criador jamais tivesse o propósito de que ele nos desgastasse.”*

H. Peter Swanson

## CARTAS

### Trindade

*Com relação ao artigo “Trindade – uma revelação gradual” (março-abril/2003), desejo acrescentar algumas considerações que acho pertinentes:*

*O livro Patriarcas e Profetas, 7ª ed., pág. 16, nos faz entender que os anjos conheciam muito bem quais eram as atribuições de Jesus Cristo. Ao que parece, a convocação feita, “para em Sua presença, apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha com os seres criados”, foi para confirmar o que já era conhecido.*

*O artigo suscita algumas interrogações nas quais precisamos refletir: Por que Deus esconderia dos anjos a verdadeira posição ocupada por Cristo, sendo Ele um Deus de ordem (I Cor. 14:33)? Por que os anjos não entenderiam a hierarquia celestial? Assim, acredito que a convocação foi feita para clarear ainda mais a mente dos anjos, a fim de que não fossem confundidos pelos “artifícios e enganadores argumentos de Lúcifer”. Jesus é o Arcanjo, não um arcanjo qualquer.*

*Outra afirmação do artigo é que “os anjos ficaram assombrados” com a revelação de que o Arcanjo Miguel era o filho de Deus. No livro Patriarcas e Profetas, pág. 17, é dito que eles “alegremente reconheceram a supremacia de Cristo”. Houve um reconhecimento alegre; nada de assombro.*

*Tenho a impressão que o artigo ficaria melhor na seção “Ponto de Vista”.*

**Pastor Matusalém Santana**, Associação Paulista Sul, São Paulo, Brasil



# Conheça o UNASP

*Instituição tem a missão de “educar no contexto dos valores bíblico-cristãos para o viver pleno e para a excelência no servir”, diz o reitor*

## ZINALDO A. SANTOS

**P**aulistano, casado, pai de três filhos e com formação acadêmica em Matemática, o Professor Euler Pereira Bahia traz em seu currículo mais de 30 anos como professor. Todos esses anos foram dedicados ao sistema educacional adventista. Atualmente é o reitor do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp, mas desde o início de sua carreira magisterial trabalhou no Instituto Petropolitano Adventista de Ensino, Ipae; Instituto Adventista São Paulo, Iasp; e, nos últimos anos, serviu ao próprio Unasp como professor de ensino superior, coordenador de curso superior e outras funções administrativas.

Considerado o principal articulador do processo expansionista do ensino superior adventista no Estado de São Paulo, o Professor Euler entende que o Unasp ainda precisa ser mais conhecido nos meios denominacionais. Para mudar a situação, ele diz contar com os pastores e líderes locais. “Pastores e anciãos são, com certeza, os principais agentes para conscientizar os membros quanto ao valor da educação adventista”, ele afirma.

Nesta entrevista, concedida por e-mail, ele apresenta o Centro Universitário Adventista de São Paulo, fornecendo assim subsídios para a divulgação de suas atividades.

**Ministério:** *Quais os caminhos que o IAE trilhou até chegar a ser Unasp?*

**Euler Bahia:** Fundado em 1915 para ser um Seminário com o objetivo de formar líderes e pastores para a Igreja Ad-

ventista, já naquela época o então Colégio Adventista Brasileiro tinha delineada sua vocação de se converter em uma instituição de ensino superior. No entanto, somente 54 anos depois de sua fundação é que foi aberto o segundo curso superior, o de Enfermagem. No ano de 1973, foi implantado o terceiro curso, Psicologia. E 74 anos após a fundação, já no ano de 1989, o Unasp possuía cinco cursos superiores funcionando. Em 1983, foi aberto o segundo campus, no município de Engenheiro Coelho. Somente nos últimos cinco anos a instituição deu um salto, tendo hoje aproximadamente 25 cursos de graduação oferecidos nos três campi, sendo o Iasp o mais novo campus do Unasp. Em 1999, o Instituto Adventista de Ensino deixou de ser uma instituição isolada de ensino superior e tornou-se credenciada como Centro Universitário.

**Ministério:** *Por que Centro Universitário e ainda não Universidade?*

**Euler Bahia:** Primeiramente, é necessário entender-se como é que está estruturada a questão do ensino superior em nosso país. O Brasil apresenta algumas categorias de instituições de ensino superior. Uma delas é a Universidade concebida na realidade, com base num modelo europeu. Outra categoria são os Centros Universitários. Em seguida, aparecem as faculdades integradas e os estabelecimentos isolados de ensino superior. Para uma instituição adventista, ser um Centro Universitário hoje foi a melhor opção dentro do contexto dos modelos de instituições

de ensino superior existentes no Brasil. Os Centros Universitários foram concebidos para serem instituições cuja principal característica é a excelência no ensino. Esse status para o Unasp hoje preenche satisfatoriamente as necessidades do sistema educacional adventista, ofertando cursos de qualidade, especialmente para os nossos jovens. Desse modo, é uma questão de conveniência ser um Centro Universitário, o que não diminui sua importância nem seu valor, uma vez que desfruta praticamente de todas as prerrogativas de uma Universidade e não tem as mesmas obrigações, como por exemplo, a da pesquisa institucionalizada.

**Ministério:** *Defina a missão do Unasp.*

**Euler Bahia:** A missão do Centro Universitário Adventista de São Paulo hoje encontra-se muito difundida, especialmente entre professores e alunos. Nem preciso fazer algum comentário sobre ela, senão apenas enunciá-la, uma vez que a sua formulação é explícita e auto-explicativa. A missão do Unasp é “educar no contexto dos valores bíblico-cristãos para o viver pleno e para a excelência no servir”.

**Ministério:** *De acordo com Ellen White, educação e redenção são a mesma coisa. Isso traz à mente a missão evangelizadora. Onde e como uma universidade adventista está situada nesse contexto? Como cumpre essa missão?*

**Euler Bahia:** Aqui está uma preocupação permanente no Unasp. Nós temos uma dupla responsabilidade. Uma é a



de consolidar na mente e na vida dos estudantes adventistas os valores, a formação e o preparo para a vida segundo os ideais da Igreja para seus jovens. Em segundo lugar, temos uma forte vocação missionária; e a instituição, pela sua proposta curricular, pela sua missão institucional e pelo seu lema, tem desenvolvido em sua estrutura pedagógica e política de ação, mecanismos com vistas a alcançar aqueles estudantes que ainda não são adventistas do sétimo dia. Por conseguinte, entendemos que, em última análise, a missão da Igreja e de uma universidade denominacional se encontram fundidas.

**Ministério:** *A educação cristã tem princípios diferenciados da educação secular. Esse é um fator que atrai os que não partilham da fé adventista, afasta-os, ou é diferente a eles?*

**Euler Bahia:** Na verdade, muitos são atraídos pelos diferenciais existentes em nossa educação. Algumas pessoas nos procuram simplesmente porque nos consideram uma escola de boa qualidade acadêmica. Isso não diminui a nossa preocupação e nem a nossa responsabilidade em relação a todos aqueles que estudam aqui, ou seja, a de fazer de cada estudante do Unasp um seguidor de Cristo. Tampouco acredito que, atualmente, alguém deixe de procurar a instituição pelo fato de que ela seja de caráter declaradamente confessional.

**Ministério:** *Como o Unasp se posiciona no contexto da educação brasileira e da educação adventista mundial?*

**Euler Bahia:** Somos regidos por uma legislação que é idêntica para todas as instituições, independentemente do seu caráter, seja ele confessional, comunitário, filantrópico ou mesmo instituições com fins lucrativos. Acreditamos, pelo que podemos observar, ser uma instituição muito respeitada quanto à política educacional. Durante as visitas e avaliações feitas por autoridades em todos os níveis, ouvimos referências sempre positivas. No contexto adventista, o Unasp é hoje, em número de estudantes, a segunda maior instituição superior adventista no mundo, sendo superada apenas por nossa Universidade da Coréia. Esse é um fator positivo a evidenciar que a instituição está ampliando seus serviços para a comunidade interna e externa da Igreja.

**Ministério:** *O que tem o Unasp a oferecer em termos de cursos, graduação e pós-graduação?*

**Euler Bahia:** No nível de graduação, como já mencionamos, oferecemos 25 cursos nas áreas de Ciências Exatas e Naturais, Ciências Sociais, Ciências da Saúde e Ciências Tecnológicas. No campus 1, oferecemos os cursos de Administração, Ciências Biológicas, Ciência da Computação, Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Licenciatura em Computação, Matemática, Nutrição, Pedagogia e Psicologia. No campus 2, Administração, Ciências Contábeis, Comunicação Social (habilitações em Jornalismo e Publicidade e Propaganda), Educação Artística, Engenharia Civil, Letras (Português e Inglês), Pedagogia, Teologia e Tradutor e Intérprete. E no campus 3, os cursos de Educação Física, Normal Super-

## *A missão salvadora da Igreja e a de uma universidade denominacional se encontram fundidas.*

rior, Pedagogia e Sistemas de Informação. Na linha de pós-graduação, oferecemos mestrado em Educação, no campus 2, mestrado e doutorado em Teologia e vários programas *lato-sensu*, especialmente nas áreas de educação e saúde.

**Ministério:** *Há algum processo com vistas a obter o reconhecimento oficial da Faculdade de Teologia?*

**Euler Bahia:** Atualmente, tramita no sistema oficial de credenciamento o processo de reconhecimento da Faculdade Adventista de Teologia. Esse processo encontra-se em sua fase final. A informação disponível no momento é a de que ele já está em um órgão da Sesu, no Ministério da Educação, e em breve deve ir ao Conselho Nacional de Educação para o parecer final. A julgar pelos relatórios preliminares elaborados até agora, onde foram avaliadas as condições de ensino, o corpo docente e a proposta pedagógica, temos a certeza

de que logo teremos o programa de Teologia reconhecido, não apenas autorizado, pelo MEC.

**Ministério:** *Alguns jovens pensam da seguinte maneira: se eles podem obter educação universitária gratuita em instituições seculares, por que deveriam optar por uma universidade denominacional, levando em conta os custos que isso acarreta?*

**Euler Bahia:** As opções que fazemos na vida são resultantes do valor que damos àquilo que escolhemos. Portanto, se alguma coisa tem valor diante de nossos olhos, mesmo que ela nos custe, estaremos dispostos a trocar o nosso dinheiro para obter aquilo que nos recompensa segundo o valor estimado. Nesse sentido, considero que a educação adventista não é um custo, senão um extraordinário investimento. Justifico até pela natureza da função que hoje desempenho. Tenho tido a oportunidade de visitar, conhecer, e de até mesmo conviver com as principais instituições de ensino superior do país. Tenho buscado identificar os diferenciais que elas apresentam e que exercem, do ponto de vista mercadológico, uma atratividade tão forte em seus clientes. Sinto que mesmo nos aspectos que elas invocam, como marcos distintivos para assegurar uma oferta de ensino de qualidade, tais como titulação docente, infra-estrutura, proposta pedagógica, entre outras, o Unasp se enquadra entre aquelas que ocupariam seguramente o topo da pirâmide no contexto das instituições educacionais do Brasil. Isso, para nós, é importante mas não é suficiente. A educação adventista tem como objetivo primordial conduzir os seus estudantes para um caminho mais elevado. Esse caminho é Cristo. Não encontrei essa marca em nenhuma instituição no Brasil, mesmo nas chamadas confessionais. Essa é a diferença de conceito, de proposta e de propósito do Unasp. E isso não tem preço.

**Ministério:** *Estudar no Unasp significa, na maioria dos casos, viver em regime de internato. O senhor acha esse sistema condizente com a mentalidade e a dinâmica da vida universitária moderna, ou são necessárias adaptações?*

**Euler Bahia:** Acredito que existe alguma desinformação, e até mitos foram desenvolvidos, em torno da palavra internato. Em primeiro lugar, é preciso acentuar que o internato é



uma espécie de estágio que o jovem faz em uma fase de sua vida, para depois enfrentar a realidade na sociedade. Nesse contexto, o jovem desenvolve os principais valores e as principais aptidões para a realidade da vida, como conviver em grupos de etnias diferentes, aprende a respeitar, a desenvolver sociabilidade, solidariedade, bons hábitos, autodisciplina e até mesmo a priorizar a religiosidade em relação a outros aspectos da vida. Nenhum outro sistema educacional pode propiciar essas marcas a qualquer estudante nessa fase da vida. Diante disso, posso dizer que é um privilégio para o jovem estudar num internato, até porque em nossos três campi, temos a capacidade de abrigar aproximadamente 1.500 estudantes, sendo que hoje nós já temos 4.500. Portanto, apenas uma terça parte tem esse privilégio. Em relação a regras, regulamentos e normas de conduta, que às vezes são distorcidos em termos de interpretação, digo que como um modelo de comunidade e sociedade, estamos cuidando permanentemente em atualizar os procedimentos internos no sentido de adequar nossa preparação à necessidade que o jovem terá ao sair da instituição, para não encontrar dificuldades em sua convivência no ambiente social, fora da vida escolar. As normas, portanto, também são atualizadas e revistas. O estudante que busca, de fato, uma formação para atender as mais fortes exigências do mercado de trabalho, hoje em dia, se ele entender perfeitamente quais são essas exigências, não fará outra opção a não ser a de passar pela experiência do internato.

**Ministério:** *Como o senhor avalia a reação da Igreja, tanto da parte da liderança como dos membros, às propostas do Unasp?*

**Euler Bahia:** Nós acreditamos que aqueles que têm uma compreensão mais refinada do que seja a educação adventista, apóiam, valorizam e estimulam a sua manutenção e as suas ações. Todavia, também constatamos que ainda não somos suficientemente conhecidos como achamos que deveríamos ser. Isso não é apenas uma percepção individual, e sim resultado de algumas pesquisas que foram desenvolvidas. Com efeito, entendemos que temos um desafio maior, ou seja, esclarecer não somente à liderança, como

também à comunidade da Igreja aquilo que ela tem de tão valioso e que não valorizam, possivelmente, porque não conhecem. Esse é um grande desafio que temos diante de nós.

**Ministério:** *De que maneira os pastores e líderes podem ajudar na promoção dos ideais do Unasp?*

**Euler Bahia:** Considero que há um flagrante equívoco em identificar de outra maneira quem, de fato, detém o maior grau de poder para influenciar pessoas na Igreja. Os maiores detentores de poder e de influência em todos os níveis da Igreja são os pastores e as lideranças locais. Compreendi isso muito cedo na vida, pelo fato de ser filho de um pastor e observar o seu ministério. Há uma disposição natural para a credibilidade, a respeitabilidade

## *Pastores e líderes devem abraçar e promover os ideais da educação cristã.*


e a aceitação por parte do rebanho quanto às opiniões e orientações do pastor. Este e seus auxiliares diretos são uma espécie de ícones, de referência, para as escolhas mais importantes de sua comunidade. Talvez, uma boa parte dos pastores não se dê conta dessa verdade. Seguramente, pastores e anciãos são os principais agentes para conscientizar os membros quanto ao valor que devem dar a qualquer coisa que julguem importante; em particular, à formação superior dos jovens em uma universidade adventista.

**Ministério:** *Aos dois campi anteriormente existentes (São Paulo e Engenheiro Coelho), o Unasp acaba de acrescentar o Iasp. Quais são as principais metas para o futuro?*

**Euler Bahia:** O processo de construção da estrutura de três campi para o Unasp tem obedecido a uma lógica natural, tendo em vista suas localizações geográficas, racionalizar o aproveitamento dos talentos humanos desses campi e de marcar a nossa identidade confessional. Hoje, a realidade é esta. Quando o Iasp

foi fundado, acredito, não se imaginava que no futuro ele viesse a ser um campus de uma instituição que havia sido fundada, mais de 30 anos antes nas redondezas de São Paulo. Poderá ser que, no futuro, haja necessidade da incorporação de novos campi a essa instituição. Mas eu entendo que só o futuro poderá dizer se será apropriado e quando será. Quanto às metas para o futuro, a primeira é execução do Plano de Desenvolvimento Institucional elaborado para os próximos dez anos, e que prevê a consolidação do programa de expansão rápida que experimentamos nos últimos cinco anos e a abertura de mais alguns cursos. Além disso, insistimos em que constitui uma meta permanente da instituição realçar sua principal marca que é a identidade confessional. Em terceiro lugar, entendemos que deverá vir, como desdobramento natural, o processo de maturidade dessa estrutura e a expansão na oferta de programas de pós-graduação, especialmente, nas linhas dos cursos que hoje oferecemos para graduação.

**Ministério:** *Que mensagem o senhor, como educador, gostaria de enviar para os leitores?*

**Euler Bahia:** Em meus 32 anos de atividades profissionais no sistema educacional adventista, testemunhei alguns momentos da história da educação adventista no Brasil. Era um sonho da minha juventude e de muitos jovens daquela época, poder escolher uma instituição adventista comprometida com os ideais cristãos, com a vocação missionária e com o preparo para o serviço, a fim de obter a formação superior. Hoje, percebo que os jovens da atual geração têm essa oportunidade. Não seria nenhum exagero dizer que perder essa chance é perder a grande oportunidade da vida. É a mensagem que eu transmitiria aos pais, pastores e líderes em geral é que abracem e promovam os ideais da educação cristã. Antes de começarem discutir o assunto da opção para a formação superior, busquem, em primeiro lugar, conhecer aquilo que a Igreja tem para oferecer. 

### **Erramos**

O evangelista Luís Gonçalves serve à Associação Paulista Central como ministro licenciado; não como pastor ordenado, conforme saiu na entrevista da edição anterior.



# Vida TOTAL



**ANA MARIA RIEN PEREZ**

*Coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP*

**N**a maioria das vezes, achamos que temos tanto a pedir em nossas orações que até esquecemos de que, na rodavida do cotidiano, teríamos mais razões para agradecer. Queremos encontrar satisfação pedindo o que sentimos não ter, para suprir necessidades que pensamos ter. Muitas dessas necessidades são criadas por nossa mente cativa do convívio social e da mídia apelativa. Se todos parássemos para pensar, chegaríamos à conclusão de que muitas das nossas ansiedades são criadas por necessidades infundadas ou pela falta do reconhecimento de que as pequenas coisas da vida nos foram dadas por Deus, para a nossa felicidade.

No livro *Mente, Caráter e Personalidade*, vol. 2, página 646, lemos: “O mundo está cheio de espíritos insatisfeitos, que passam por alto a felicidade e as bênçãos que se acham ao seu alcance, e estão continuamente buscando a felicidade e satisfação que não possuem. Estão constantemente porfiando por algum bem esperado futuramente, maior do que o que possuem, e estão sempre num estado de decepção. Nutrem a incredulidade e ingratidão, passando por

## *O amor de Deus deve ser reconhecido nas pequenas ocorrências diárias*

alto as bênçãos que estão mesmo em seu caminho. As bênçãos comuns e diárias da vida são-lhes desprezíveis, tal como foi o maná aos filhos de Israel.”

### **Felicidade ao alcance**

É interessante notar como as pessoas procuram a felicidade onde ela não está, ou mesmo em lugares longínquos, sendo que ela pode ser encontrada mais perto do que se imagina. A vida nos reserva tantas coisas boas que até perdemos a conta; e nos acostumamos tanto a elas, que acabam saindo de nossa lista de coisas notáveis para se transformarem em coisas banais, sem importância, em meio à agitada rotina que nos aprisiona. O amor de Deus deveria ser reconhecido nas pequenas ocorrências do dia-a-dia.

Colher verduras da horta plantada por você e seus filhos ou lavar a louça em família, após uma refeição, podem ser experiências desencadeadoras de momentos de felicidade. Você já produziu algum objeto artesanal, pintou um quadro, flagrou-se observando o fruto de um trabalho que fez? Que dizer dos momentos de intimidade com a pessoa amada, somente superados pela comunhão com Deus? Existe algo comparável a buscar as crianças na escola e ver seus olhinhos brilhando de alegria?

A vida pode ser gratificante. Deus realmente a enriqueceu com muitos

momentos de felicidade, além de nos dar a visão da Nova Terra para onde nos levará brevemente. Enquanto isso não acontece, Ele não deseja que sejamos infelizes, deprimidos ou emburrados, só porque não somos deste mundo e almejamos um lar melhor. Diga “não” à inatividade, às lamentações e à intolerância. Edifique sua auto-estima; você é um milagre de Deus. Aceite-se, pois não poderá amar o próximo se não amar-se a si mesma.

Evidentemente, muitas pessoas têm uma história de vida passada cheia de complexos, problemas que não foram resolvidos. Mas há um Deus poderoso a quem podemos entregar nossos problemas com a certeza de que Ele os solucionará, para nosso bem e para a glória do Seu nome. Precisamos ser felizes e contagiar outros com essa felicidade. Descubra e desenvolva suas potencialidades. Pense, fale e aja positivamente. Desenvolva uma fé que atue pela graça de Deus e inunde tudo à sua volta com um cheiro de vida para vida. Você é aquilo que acredita, pensa e diz ser. Passe a viver, e não simplesmente existir. Interaja com o meio. Exponha-se, fale e ouça. Tenha cabeça e coração. Resgate o prazer de viver. Deus lhe criou para que tenha vida plena, abundante, total.

### **Viver agradecido**

Pare e pense: você tem agradecido a Deus por todas as coisas que lhe acontecem, ou apenas olha o lado negativo? Já parou para pensar que, muitas vezes, quando sentimos trevas em nossa vida aí é que paramos para buscar a luz? Como disse a Sra. Ellen White, “nada temos a recear quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos a maneira como o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado”.

Tem você demonstrado gratidão pelo que acontece em sua vida? Não falo somente das grandes e boas notícias, como um bebê que nasceu saudável e que está aprendendo a andar, ou mesmo alguma herança material recebida. Refiro-me também ao que acontece ou recebemos diariamente e que torna a vida mais fácil e cômoda, como por exemplo o computador, o telefone, o liquidificador, o forno de microondas, a máquina de lavar, o automóvel, e por aí vai.

Pense nas bênçãos e proclame aos outros: “Deus é bom e Suas misericórdias duram para sempre.”



# O vôo da **ÁGUIA**



Divulgação

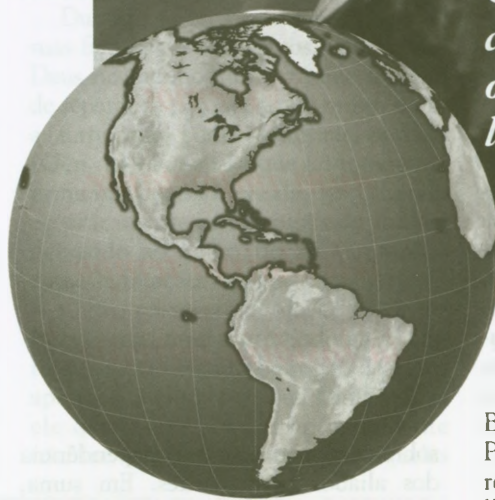
**PABLO H. ALE**

*Jornalista, membro da igreja adventista de Rosário, Argentina*

Os psicólogos chamam de ignorância cognitiva a patologia sofrida pelas pessoas que, tendo conhecimento de certas questões ou situações, as ignoram. Por mais que haja provas empíricas e fidedignas da realidade do que vêem, elas não percebem nada. É assim que muitos de nós tateamos o porvir, perguntando-nos o que virá. Indagamos, às vezes, se o que foi profetizado se cumprirá.

Sabemos que há coisas que não podemos conhecer, e outras que são secretas (Deut. 29:29). Mas também temos a certeza de que Deus não fará nada sem que o revele “a Seus servos, os profetas” (Amós 3:7). Por meio de Sua palavra, o Senhor explicou claramente o que haveria de suceder no final da História do mundo. Os sinais apocalípticos estão se cumprindo. Os Estados Unidos, tal qual o diz a profecia de Apocalipse 13, ampliam sua hegemonia mundial.

Com uma ofensiva militar de apenas 21 dias, o governo norte-americano terminou com 24 anos de ditadura de Saddam Hussein e ocupou o Iraque. Foi uma batalha breve, sangrenta e com os bombardeios mais intensos da



*Os Estados Unidos começam a desempenhar o papel profético que lhes está reservado*

Montagem de André Rodrigues sobre fotos de PhotoDisc

“Defenderemos a paz ao lutar contra os terroristas e os tiranos... Ao defender a paz, aproveitaremos também uma oportunidade histórica para preservá-la”,<sup>2</sup> disse George Bush. Você se lembra da afirmação de Paulo, segundo a qual “quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição...” (I Tess. 5:3).

## **Novo século americano**

Porém, essa confrontação não aconteceu como consequência do ataque às torres gêmeas, em 11 de setembro de 2001, embora a destruição desses ícones arquitetônicos tenha sido fundamental para que George Bush pudesse legitimar, diante da opinião pública e os meios de comunicação, as ações bélicas. Já em 1997, um grupo ultraconservador do Partido Republicano elaborou o chamado “Projeto Para o Novo Século Americano”, PNAC, que argumentava sobre a inoperância da ONU, criticava a “velha Europa” pacifista, mencionava o “eixo do mal”, e implantava a necessidade de impor a supremacia dos Estados Unidos através da for-

História. A guerra contra o Iraque desdenhou a autoridade da Organização das Nações Unidas, ONU, sacudiu a unidade européia, transformou a geopolítica da região petrolífera mais importante do planeta e assentou as bases para um mundo diferente.

E a guerra continua. Em menos de dois anos, os Estados Unidos conquistaram o Afeganistão e o Iraque. Porém, há outras nações na lista. Segundo o Plano de Estratégia de Segurança Nacional, elaborado em setembro de 2002, Washington se reserva o direito de intervenção unilateral em países como a Coreia do Norte, Colômbia, ou em regiões como a tríplice fronteira entre Argentina, Paraguai e Brasil; assim como em qualquer outro lugar que se constitua uma ameaça à paz.<sup>1</sup>



ça. Entre os autores do projeto se encontravam Ronald Rumsfeld, atual secretário de Defesa, Dick Cheney, atual vice-presidente, e Jeb Bush, irmão de George, atual governador da Flórida.<sup>3</sup>

Em uma carta enviada em 26/01/1998 ao então presidente Bill Clinton, os ideólogos desse projeto afirmaram: “Instamos-lhe a lançar uma nova estratégia que assegure os interesses norte-americanos e dos nossos amigos e aliados... Em todo caso, a política norte-americana não pode continuar sendo entorpecida por insistir na unanimidade do Conselho de Segurança da ONU.”<sup>4</sup> A liderança global e o domínio econômico, militar, cultural e ideológico dos Estados Unidos não é hoje uma ficção. Os sonhos pacifistas da Europa têm sido derribados. A concepção reinante sustenta que a intervenção militar é o único caminho para impor a paz e a democracia no mundo.

Cabe mencionar aqui o auge e a instalação da direita cristã na Casa Branca. Bush está cercado de religiosos. O presidente, a quem a fé cristã ajudou a superar o alcoolismo, tem o hábito de usar as primeiras horas do dia para estudar a Bíblia e ler livros evangélicos.<sup>5</sup> E é importante lembrar que o cumprimento da profecia de Apocalipse 13 não acontecerá mediante pessoas atéias ou sem princípios religiosos. Pelo contrário, será sustentado por indivíduos preocupados com esses princípios. Assim, todas as condições para a unidade entre a Igreja e o Estado estão praticamente estabelecidas nos Estados Unidos.

### O império entre nós

A perseguição a terroristas e a guerra contra o Iraque são apenas o início das ações para que os Estados Unidos sustentem e consolidem sua soberania mundial. John Ikenberry, professor de geopolítica e justiça global na Universidade de Georgetown, Washington, afirma o seguinte: “Pela primeira vez desde os albores da guerra fria, uma nova linha estratégica está tomando forma. Seu impulso inicial e mais direto é a reação ante o terrorismo, mas também constitui uma visão mais ampla de como os Estados Unidos deverão exercer o poder e organizar a ordem mundial.”<sup>6</sup>

Nesse sentido, o jornalista Natálio R. Botana observa que a queda da União Soviética e os atentados de 11 de setembro de 2001 “enquadraram o fim da bipolaridade no mundo e o abrupto começo

de um novo cenário de conflitos. Os Estados Unidos vivem agora ao compasso de uma formidável expansão no mundo a qual limita feroz emergência do desafio terrorista. Situação inédita. Salvo a experiência do Império Romano, jamais houve um cenário em que um império (ou uma nação com essas pretensões) atuasse sem outros rivais imperiais.”<sup>7</sup>

Avaliando a tese do inédito crescimento da nação norte-americana, o analista internacional Carlos Escudé a define como uma “hiperpotência cujo predomínio militar não tem paralelos na História mundial”.<sup>8</sup> Depois da ocupação do Iraque não cabem dúvidas desse predomínio. “O núcleo estratégico sobre o qual se apóia a política exterior americana está revelado. Como única superpotência, os Estados Unidos devem e podem livrar-se de todo tipo de restrições e condicionamentos. Isto é, das nações Unidas, dos tratados

*“Vivemos  
num importante,  
soleníssimo tempo  
da história terrestre.”*


sobre desarmamento e da dependência dos aliados permanentes. Em suma, unilateralismo.”<sup>9</sup>

As primeiras medidas hegemônicas já se fazem sentir. Em novembro de 2002, uma corte especial de apelações pôs em vigor a lei *USA Patriot Act*, redigida pela administração Bush, após os atentados. Essa lei autoriza a realização de escutas telefônicas e outras formas de espionagem eletrônica aos cidadãos americanos. Ao mesmo tempo, o Senado deu luz verde para a criação do superdepartamento de Segurança Interna, um organismo que tem 22 agências federais, 170 mil funcionários e um orçamento de 37 milhões de dólares; a maior reestruturação da administração americana em 60 anos. Com tudo isso, o Pentágono tratará de impulsionar o desenho de um sistema de vigilância global de todos os computadores do mundo.<sup>10</sup>

### Preparemo-nos

A situação é inédita. A situação é bíblica. Hiperpotência, império, único Estado capaz de solucionar os problemas do mundo; nação sem rival. São alguns títulos aplicados aos Estados Unidos. Esse país com aparência de cordeiro, que defende as liberdades e ataca preventivamente, já exerce autoridade (Apoc. 13:12). Logo falará como dragão.

Nosso perigo, a exemplo dos cristãos laodiceanos, é que em nossa nudez, pobreza e cegueira espirituais não percebemos a gravidade da situação. Estamos cegos na hora mais sublime da História. Proclamamo-nos seguidores de Cristo, mas nos fundimos na tibieza. Não somos tão frios para ignorar a atividade missionária, mas não somos tão quentes para nos dedicarmos a ela com toda a força do nosso ser. Não somos tão frios a ponto de consumir drogas ou álcool, nem tão quentes para fazer uma verdadeira reforma pessoal de saúde. Não somos tão frios para frequentar bailes, casas de danças e outros lugares censuráveis, nem tão quentes para deixar de ver programas vulgares de sexo e violência na televisão.

Disse Ellen White: “Vivemos num importante, soleníssimo tempo da história terrestre. Achamo-nos entre os perigos dos últimos dias. Importantes e tremendos acontecimentos se acham diante de nós. Quão necessário é que todos os que temem a Deus e amam Sua lei, se humilhem diante dEle, e se aflijam e pranteiem, e confessem os pecados que têm separado Deus de Seu povo!”<sup>11</sup> 

#### Referências:

- George Bush, conceitos extraídos do texto do “Plano de Estratégia de Segurança Nacional”. *Diário Página 12*, 23/03/2003, págs. 2 e 3.
- George Bush, “Plano de Estratégia de Segurança Nacional”, *Diário La Nación*, *Suplemento Enfoques*, 29/09/2002, pág. 4.
- Loreley Gaffoglio, “A ideologia da guerra”, *Diário La Nación*, *Suplemento Enfoques*, 06/04/2003, págs. 1 e 4.
- Ibidem*.
- Howard Fineman, “A guerra santa do homem cuja vida foi salva pela fé” *Diário La Nación*, *Suplemento Enfoques*, 23/03/2003, pág. 5.
- John Ikenberry, citado por Jorge Elias, em *Diário La Nación*, *Suplemento Enfoques*, 10/11/2002, pág. 2.
- Natálio R. Botana, “O império e seus limites”, em *Diário La Nación*, 29/09/2002.
- Carlos Escudé, “Doutrina de uma hiperpotência”, *Diário La Nación*, *Suplemento Enfoques*, 29/09/2002, pág. 4.
- Carlos Perez Llana, “Decisões para definir o mundo vindouro”, *Diário La Nación*, *Suplemento Especial: O Conflito com o Iraque*, 13/04/2002, pág. 16.
- Jorge Rosales, “Uma lei põe todos os norte-americanos sob estreita vigilância”, *Diário La Nación*, 20/11/2002, págs. 1 e 2.
- Ellen G. White, *Testemunhos Seletos* (Santo André, SP; Casa Publicadora Brasileira, 1984), vol. 1, pág. 333.



# OS FILHOS DE LÓ



## SÔNIA RIGOLI M. SANTOS

*Diretora do Ministério da Mulher  
na Missão Ocidental  
Sul-Rio-Grandense, Brasil*

Uma das mais tristes e sombrias histórias da Bíblia certamente é a de Ló. Esse sobrinho de Abraão iniciou sua vida tomando decisões acertadas. Aplaudimos suas boas escolhas; primeiro, ao deixar a ídolatra Ur dos caldeus, na caravana de seu avô Terá, juntamente com Harã, seu pai, e seus tios Naor e Abraão. Posteriormente, quando morreram o pai e o avô, e Naor retrocedeu permanecendo em Harã, ele decidiu prosseguir acompanhando o fiel Abraão.

Durante anos, tio e sobrinho, com suas famílias e seus servos, adoraram a Deus no mesmo altar, até que tiveram de separar-se porque, sendo muito ricos, a terra não podia sustentar os dois (Gên. 13). Foi então que Ló tomou sua primeira decisão errada, escolhendo egoisticamente as campinas do Jordão, deixando ao velho tio as montanhas como habitação.

Outro passo errado de Ló foi ir armando suas tendas até Sodoma. É claro que sendo ele um bom pai, desejava apenas o melhor para sua família. E se ele queria um bom lugar, certamente não haveria de encontrar por aquelas

paragens outro melhor do que a bela, rica, fértil, festiva e movimentada Sodoma. Tratava-se de um local excelente para quem quisesse enriquecer com pouco trabalho e desfrutar a vida em festividades, durante o ano inteiro.

No entanto, sabemos que esses passos desacertados trouxeram ao patriarca a perda de toda a família. Primeiramente, de seus filhos e filhas casados que, influenciados pelo pensamento popular, acreditaram ser a advertência divina apenas e tão-somente o fruto de superstições do seu pai. Sua mulher, ao desejar ter de novo tudo o que perdera, fato esse demonstrado através de sua desobediência ao olhar para trás, durante a fuga da cidade que ardia em chamas, transformou-se em uma estátua de sal. Suas duas filhas solteiras, aquelas que viviam na casa do pai e que foram praticamente arrastadas pelos anjos, continuaram vivendo os mesmos padrões aprendidos em Sodoma. Dessa forma, trouxeram infâmia ao pai em sua velhice, gerando dele duas nações ídólatras que guerream contra o povo de Deus até sua destruição final.

### Influência perniciosa

Uma das coisas que me chama a atenção nessa história são os filhos de Ló. Será que não foram eles educados no temor do Senhor? Acredito que sim; pois Ellen White afirma que Ló e Abraão, com suas famílias e seus servos, adoravam juntos. Por que então não lhe deram crédito? Por que desobedece-





ram à expressa ordem do Senhor? Creio que não seria errado afirmar que a influência da cidade sobre eles era maior do que a influência da vida do pai no lar. Enquanto “sua alma justa enfadava-se com a conversação vil que diariamente vinha a seus ouvidos e sentia-se impotente para impedir a violência e o crime” (*Patriarcas e Profetas*, pág. 165), permitiu a “seus filhos misturar-se com um povo corrupto e idólatra”. O resultado disso foi a destruição de todos eles.

Muitos pais se entristecem ao perceberem que não conseguem transmitir uma herança religiosa a seus filhos. Porém, será que a razão disso não se deve ao mesmo fato que ocorreu com a família de Ló? Será que nossos filhos têm andado em companhias melhores que as de Sodoma?

Muitas crianças, juvenis, adolescentes, jovens e até mesmo adultos, têm procurado na televisão, nos filmes e nas músicas o seu lazer. Porém, “nada há mais desejável entre os homens do que riqueza e lazer, e contudo estas coisas dão origem aos pecados que acarretaram destruição às cidades da planície. Sua vida inútil, ociosa, tornou-os presa das tentações de Satanás, e desfiguraram a imagem de Deus, tornando-se satânicos em vez de divinos. A ociosidade é a maior maldição que pode recair ao homem; pois que o vício e o crime seguem em seu cortejo. Enfraquece o espírito, perverte o entendimento, e avilta a alma. Satanás fica de emboscada, pronto para destruir aqueles que estão desprevenidos, cujo tempo vago lhe dá oportunidade para insinuar-se sob alguns disfarces atraentes. Ele nunca é mais bem-sucedido do que quando vem aos homens em suas horas ociosas. ... O povo desafiava abertamente a Deus e à Sua lei, e deleitava-se em ações de violência.” – *Idem*, págs. 156 e 157.

Não são exatamente os mesmos ingredientes que estão presentes hoje na televisão, que é o meio de comunicação mais utilizado?

### Lazer arriscado

Uma pesquisa realizada na Austrália e que, certamente, reflete de semelhante modo os hábitos de muitos lares brasileiros, demonstrou que a televisão é a diversão número um e ocupa o terceiro lugar na vida das pessoas. Perde apenas para as horas de trabalho e de sono. As pessoas despendem mais de 30 horas diante do aparelho de televisão, o que

equivale a três meses e meio em tempo acordado durante um ano. Um adolescente australiano, até que complete dez anos, terá gasto quatro anos e meio acordado, fazendo nada mais do que assistindo à televisão.

Qual o efeito desse tipo de lazer? A resposta é que, em sua mente, muitos se têm “banqueteado com histórias sensacionais. Vivem num mundo irreal, e acham-se inabilitados para os deveres práticos da vida” (*Mensagens aos Jovens*, pág. 279). Não seria essa a consequência que tem levado tantos jovens a não terem um propósito, um objetivo definido para a vida? Não seria por isso que os jovens e adolescentes têm se tornado cada vez mais ousados em sua busca de diversão, não apenas em esportes perigosos, mas em cenas assustadoras como as ocorridas nos

*Pais e mães  
precisam estar  
vigilantes contra  
os ardis  
do inimigo  
das almas.*

Estados Unidos, onde dois adolescentes assassinaram friamente seus colegas e professores num colégio, imitando as cenas de um filme?

Outra consequência, especialmente sobre os mais tímidos, é que eles se tornam pessoas “desassossegadas ou sonhadoras, e são incapazes de conversar a não ser acerca dos assuntos mais comuns. O alimento mental em que se têm chegado a deleitar, é contaminador em seus efeitos, conduzindo a pensamentos impuros e sensuais” (*Idem*, págs. 279 e 280). Imoralidade, gravidez na adolescência, vida sexual ativa desde os dez, onze ou doze anos de idade, estão se tornando comuns hoje.

O que assusta é que, infelizmente, “muitos nunca recuperaram o vigor mental”. – *Idem*, pág. 280.


É por isso que Jesus advertiu: “São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!” (Mat. 6:22 e 23).

### Uma contrapartida

Precisamos estar preocupados com o que levaremos para dentro dos nossos lares. Vestuário, gosto musical, alimentação, hábitos de recreação, padrão moral, entre outras coisas, serão estilos determinados por aquilo que nos habituamos a utilizar no lar. Nos dias em que vivemos necessitamos criar um forte muro protetor ao redor de nossa família.

Jesus afirmou que deveríamos vigiar e orar para que não fôssemos apanhados de surpresa. Disse ainda que nossos dias seriam como os de Noé. O patriarca Noé também viveu em um mundo no qual os homens eram extremamente violentos, viviam apenas para o prazer e banqueteavam-se com cenas de impiedade, a tal ponto que seus pensamentos eram “continuamente maus” (Gên 6:5). Ao contrário do que aconteceu com a família de Ló, no entanto, Noé e sua família não se deixaram influenciar.

Como Noé conseguiu que seus filhos não se contaminassem com os pecados de seus dias? Em seu lar ele repetia diariamente a ordem divina para a construção da arca, tornando-os conhecedores do destino iminente do mundo, a destruição. Os filhos de Noé aprenderam a crer na ordem divina, trabalharam incansavelmente, não lhes sobrando tempo ocioso para as más companhias. Através de uma vida de fé, disciplina e trabalho, Noé conseguiu salvar-se juntamente com sua esposa, seus filhos e noras.

Se incluirmos nossos filhos na missão, se lhes repetirmos diariamente as ordens do Senhor e as vivermos em nossos lares, podemos esperar o mesmo resultado. Como pais e mães, estamos, hoje, decidindo o destino final de nossos filhos. Lembremo-nos dos filhos de Ló e peçamos a Deus que nos ajude a não repetirmos os mesmos erros. Que escolhamos a vida simples e fiel de Abraão, que proporcionou ao filho Isaque uma fé capaz de aceitar ser oferecido em holocausto ao Deus a quem ele aprendera, com o pai, amar e obedecer. 



# O JULGAMENTO DE DEUS



**ELIZEU C. LIRA**

*Pastor da igreja de Patos de Minas, MG,  
Associação Mineira Central, Brasil*

O evangelista e escritor Billy Graham, num de seus livros, relata a cena de batalha do filme *Apocalipse Agora*, de Francis Ford Coppola, onde aparece um mensageiro perambulando por entre as linhas de combate. Ao contemplar os rastros da destruição por toda parte, o personagem pergunta: “Quem é o chefe aqui?” Ninguém lhe responde à pergunta.

Muitas pessoas, hoje, contemplando as injustiças sociais e violências que imperam no mundo, imaginam de modo um tanto vago se há um “chefe” no Universo. Por toda parte proliferam os descrentes em Deus, na Sua existência, e aumentam os céticos quanto ao Seu interesse e atuação nas questões humanas. Na verdade, o sentimento expresso por muitos é que este planeta é um relógio ao qual o Criador deu corda e abandonou à sua própria sorte. A essa idéia juntaram-se muitas outras, através dos séculos, formando o repertório de acusações, questionamentos e dúvidas sobre o caráter de Deus, que surgiram desde a entrada do pecado. Basta lembrar que a rebelião de Lúcifer, o querubim apóstata, lançou perante o Universo a seguinte dúvida: É Deus o Criador e governante justo? Suas leis podem ser observadas?

Na sua pregação subversiva, Lúcifer “declarou que os anjos não precisavam de

*“Mas o plano da redenção tinha um propósito ainda mais vasto e profundo do que a salvação do homem. Não foi para isto apenas que Cristo veio à Terra; ... mas foi para reivindicar o caráter de Deus perante o Universo.”*

lei, mas deviam ser livres para seguir sua própria vontade, a qual os guiaria sempre retamente; que a lei era uma restrição a sua liberdade; e que a abolição da lei era um dos grandes objetivos da posição que assumira. A condição dos anjos, pensava ele, necessitava de aperfeiçoamento”.<sup>1</sup>

Os resultados do motim são conhecidos: “Houve peleja no Céu. Miguel e os Seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no Céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a Terra, e, com ele, os seus anjos” (Apoc. 12:7-9).

## **Justiça em xeque**

A expulsão do rebelde, num primeiro momento da ação divina, não exterminou a rebelião nem esclareceu todas as dúvidas postas à base do movimento; apenas definiu os contornos das questões envolvidas e transferiu para a Terra a seqüência de embates do grande conflito, ora iniciado.

Procurando estabelecer o seu reino e ampliar o número de súditos, Satanás usou contra Adão e Eva as mesmas armas e táticas que já haviam se mostrado eficazes no Céu, levando-o a conquistar uma terça parte dos anjos (Apoc. 12:4). Novamente as dúvidas sobre o caráter de Deus, que, supostamente não queria que Suas criaturas evoluíssem, alcançando o mesmo nível

em que Ele Se encontrava (Gên. 3:5), surtiram efeito. O primeiro casal cedeu à tentação, instaurando neste planeta o domínio do pecado. Satanás tornou-se, assim, por usurpação, o “príncipe deste mundo” (João 12:31; 14:30 e 16:11).

Todos os próximos lances do conflito milenar evidenciarão que as dúvidas quanto ao caráter divino, semeadas no Céu e reafirmadas no Éden, não apenas persistiriam, como iriam avolumar-se à medida que a História humana avançasse rumo ao seu clímax. Como diz Carl Coffman, “no começo do grande conflito, Satanás acusou a Deus de ser injusto. No decorrer desse conflito na Terra, a humanidade muitas vezes expressou as acusações de Satanás”.<sup>2</sup>

Ao encampar as acusações e dúvidas lançadas por Satanás contra Deus, a humanidade estaria contestando a própria base do governo divino: “Justiça e direito são o fundamento do Teu trono; graça e verdade Te precedem” (Sal. 89:14). “Nuvens e escuridão o rodeiam, justiça e juízo são a base do Seu trono” (Sal. 97:2). Esses emblemas do governo divino são reafirmados na visão que João teve do trono divino: “... ao redor do trono, há um arco-íris semelhante, no aspecto, a esmeralda” (Apoc. 4:3). Ora, a menção feita aqui do arco-íris circundando o trono divino é a contundente reafirmação de que o governo divino é o regime ideal, perfeito, pois é o único que consegue estabelecer o devido equilíbrio entre misericórdia e justiça.



“Todo sistema de governo que falhe em combinar a justiça e a misericórdia, cairá algum dia pelo peso de sua própria corrupção. Esta é a razão pela qual a história humana não conhece nenhum sistema permanente de lei e ordem”, disse o escritor e pregador australiano Cedric Taylor. A grande notícia que os cristãos têm para dar ao mundo é que, não obstante o caos dos sistemas humanos de governo, o impossível foi alcançado. O sistema ideal de governo, que une misericórdia e justiça, foi alcançado. Tal sistema em breve será totalmente estabelecido e “esse reino subsistirá para sempre” (Dan. 2:44).

A fase de transição já foi iniciada; mas enquanto o governo divino não se estabelece por completo, o inimigo trabalha de forma incansável para denegrir a imagem do futuro governo. A despeito da certeza de que “justo é o Senhor em todos os Seus caminhos, benigno em todas as Suas obras” (Sal. 145:17), persistem várias dúvidas e questionamentos sobre o caráter de Deus, que, no decorrer do conflito entre o bem e o mal, estão sendo paulatinamente esclarecidas.

A questão é que, embora saibamos que “todos compareceremos perante o tribunal de Deus” (Rom. 14:10), no decorrer do conflito, e em última análise, é o Juiz quem está sendo julgado. “Deus é veraz, enquanto todo homem é mentiroso, conforme está escrito: ‘Para que se-

jas justificado nas Tuas palavras e triunfes quando fores julgado” (Rom. 3:4 – *A Bíblia na Linguagem de Hoje* diz: “Deus continua verdadeiro, mesmo que todos sejam mentirosos. Como dizem as Escrituras Sagradas a respeito dEle: ‘Que fique provado que Tu és justo quando falas e que sejas aprovado quando fores julgado’.” E ainda a tradução Phillips diz: “Para que sejas justificado em Tuas palavras e possas prevalecer quando fores a juízo.”

As várias traduções desse versículo transmitem claramente a idéia de que o próprio Deus passará por um tribunal; que Ele será julgado, e que o resultado desse julgamento será Seu completo triunfo. Para que “possas prevalecer quando fores a juízo”.<sup>3</sup>

### Momentos decisivos

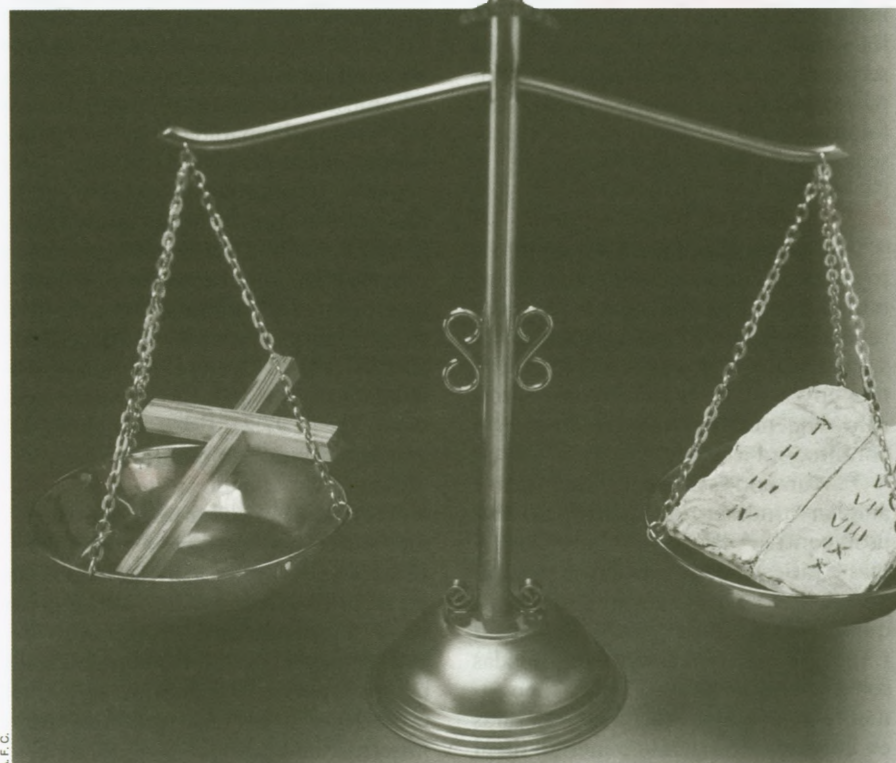
Da mesma forma como numa luta de boxe existem momentos cruciais onde um dos contendores assume a dianteira, marcando pontos decisivos, no grande conflito ocorrem lances em que ficam caracterizados o aparente predomínio e as intenções malévolas do oponente. A morte de Cristo no Calvário foi um desses momentos: “Mas o plano da redenção tinha um propósito ainda mais vasto e profundo do que a salvação do homem. Não foi para isto apenas que Cristo veio à Terra; não foi simplesmente para que os habitantes deste pequeno mundo pudessem

considerar a lei de Deus como devia ela ser considerada; mas foi para reivindicar o caráter de Deus perante o Universo.”<sup>4</sup>

Quando o Segundo Adão (Rom. 12:12-18) venceu onde o primeiro falhara, derrotando Satanás no próprio campo que ele alegara como seu, tornou-se patente perante o Universo o caráter injusto e infundado das acusações que o arquiinimigo movera contra Deus e Seu governo. “A grande contenda que estivera em andamento durante tanto tempo neste mundo, estava agora decidida, e Cristo era vencedor. Sua morte resolveu a questão de terem ou não o Pai e o Filho amor suficientes pelo homem para exercerem a abnegação e um espírito de sacrifício. Havia Satanás revelado seu verdadeiro caráter de mentiroso e assassino. Viu-se que o mesmo espírito, com que governara os filhos dos homens que estiveram sob o seu poder, ele teria manifestado se lhe fora permitido governar os seres do Céu. Unanimemente o Universo fiel uniu-se no engrandecimento da administração divina.

Essa idéia de vindicação do caráter divino encontra outro dos seus momentos decisivos no juízo pré-advendo. Ao descrever os elementos do santuário e a disposição deles, Clifford Goldstein menciona que “Deus escolheu simbolizar o interesse dos seres celestiais, não na cruz, mas no local onde ocorre o juízo investigativo! Isso não diminui o que Jesus realizou na cruz. Ao contrário, apenas demonstra que, em relação ao Universo, nem tudo foi respondido no Calvário. As dúvidas seriam respondidas no juízo, o que explica por que o Senhor colocou os anjos no segundo compartimento, olhando para o juízo, e não no altar de ofertas queimadas, olhando para o Calvário (havia anjos bordados no primeiro compartimento, mas esta representação não é tão vívida quanto as duas estátuas de ouro). Evidentemente, o juízo também faz parte do processo de responder às indagações do Universo”.<sup>7</sup>

“O juízo que precede o Segundo Advendo proporcionará aos seres celestiais que não caíram amplas informações sobre as questões do grande conflito (Dan. 7:10).”<sup>8</sup> Paralelamente ao abrir os autos celestiais, desvelando a investigação dos registros das pessoas que aceitaram a Cristo nalguma ocasião da história terrena, o próprio Deus estará sendo julgado no que tange à Sua justiça ou imparcialidade no julgar: “Qual é a mensagem do primeiro anjo? ‘Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois



A.F.C.



vinda é a hora de Seu juízo' (Apoc. 14:7). Isto significa que Deus começa a julgar, ou será que este verso se refere ao momento em que o próprio Deus é julgado: 'a hora de Seu juízo'? Pode significar ambas as coisas. Ele está sendo julgado com base em Sua maneira de julgar!"<sup>9</sup>

Com a abertura dos registros celestiais Deus fornece uma resposta satisfatória à pergunta que por séculos tem ecoado entre os fiéis: "Não fará justiça o juiz de toda a Terra?" (Gên. 18:25). "Obviamente, Deus vencerá esta causa, Ele triunfará, ou será justificado durante o juízo, quando apagar as acusações pecados. 'O Senhor dos exércitos é exaltado em juízo'"<sup>10</sup>

### O tipo ideal

A vindicação ou justificação do caráter divino encontra um dos seus momentos cruciais na chamada "geração final", o grupo de fiéis que estará vivendo na Terra pouco antes da segunda vinda de Jesus. Para entendermos a importância dessa fase histórico-profética, é só lembrar o cerne das acusações movidas por Satanás contra Deus e o Seu governo que desencadearam o grande conflito: "Satanás tornou-se mais ousado em sua rebelião, e expressou seu desprezo à lei do Criador. Esta Satanás não podia suportar. Declarou que os anjos não precisavam de lei, mas deviam ser livres para seguir sua própria vontade, a qual os guiaria sempre retamente; que a lei era uma restrição à sua liberdade; e que a abolição da lei era um dos grandes objetivos da posição que assumira."<sup>11</sup>

O ódio de Satanás contra a lei divina é facilmente entendido pela posição preeminente que ela ocupa: "A lei é uma expressão do caráter, uma revelação do espírito. Por esta razão a lei de Deus é importante. É parte de Deus, por assim dizer. Revela-O. É um transunto de Seu caráter, uma expressão finita do infinito. Nela se nos dá um vislumbre do próprio pensamento de Deus; uma visão da base de Seu governo."<sup>12</sup>

Ao opor-se ao governo divino, Satanás concentrou os seus ataques no símbolo maior deste governo, a lei. No transcurso do grande conflito ele tem perpetuado a acusação de que Deus é tirano e que é impossível para as Suas criaturas seguir à risca os princípios contidos na lei. Através dos séculos, ele tem ecoado o seu brado desafiador: "Ninguém pode guardar a lei. É impossível. Se existe alguém que possa fazê-lo ou que o haja feito, me mostre! Onde estão os pretensos guardadores dos

mandamentos? Deus responde calmamente: 'Aqui está a paciência dos santos; os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus'" (Apoc. 14:12).<sup>13</sup>

### Vindicação plena

Durante o Milênio, na segunda fase do julgamento, serão investigados os registros daqueles que rejeitaram a Cristo. Este será o julgamento dos ímpios mortos. Esta ação divina, compartilhada pelos salvos (I Cor. 6:2 e 3), ao mesmo tempo que vindica o caráter dos fiéis, respondendo à pergunta: "Até quando, ó Soberano Senhor, Santo e Verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a Terra?" (Apoc. 6:10), justifica o caráter divino quanto às Suas ações, no grande conflito, no que se refere ao pecado e pecadores. "A segunda fase do julgamento é de capital importância para os santos. Ao ser examinado cada caso, ficará bem claro que Deus concedeu a cada pessoa a oportunidade de salvar-se; ver-se-á que elas rejeitaram os Seus convites e que Ele foi totalmente justo ao excluí-las do reino eterno."<sup>14</sup>

Essas fases do julgamento nos dizem muita coisa sobre o caráter do nosso Criador. Tornam patente a isenção e transparência divina no trato com Suas criaturas. "Seu Universo não é administrado como um país fascista, onde as pessoas são presas, julgadas e condenadas secretamente. Ao contrário, Deus trata da questão do pecado e da rebelião de maneira aberta – perante todo o Céu, que terá suas indagações a respeito de Seu caráter respondidas. O próprio Deus será aprovado quando [for] julgado."<sup>15</sup>

Todos reconhecerão que Deus foi infinitamente justo e misericordioso. Todas as suas ações de intervenções no desenrolar do grande conflito estarão esclarecidas e plenamente justificadas. O Universo compreenderá o caráter injustificável e maligno do pecado e os sacrifícios feitos pela divindade para resgatar a raça humana, rebelde e perdida. A própria destruição do pecado, na pessoa do seu originador e seguidores, será uma etapa decisiva na vindicação do caráter de Deus perante o Universo: "Satanás vê que sua rebelião voluntária o inabilitou para o Céu. Adestrou suas faculdades para guerrear contra Deus; a pureza, paz e harmonia do Céu ser-lhe-iam suprema tortura. Suas acusações contra a misericórdia e justiça de Deus silenciaram agora. A exprobração que se esforçou por

lançar sobre Jeová repousa inteiramente sobre ele. E agora Satanás se curva e confessa a justiça de sua sentença."<sup>16</sup>

"Todas as questões sobre a verdade e o erro no prolongado conflito foram agora esclarecidas. Os resultados da rebelião, os frutos de se porem de parte os estatutos divinos, foram patenteados à vista de todos os seres criados. Os resultados do governo de Satanás em contraste com o de Deus, foram apresentados a todo o Universo. As próprias obras de Satanás o condenaram. A sabedoria de Deus, Sua justiça e bondade, acham-se plenamente reivindicadas. Vê-se que toda a Sua ação no grande conflito foi orientada com respeito ao bem eterno de Seu povo, e ao bem de todos os mundos que criou. ... A história do pecado permanecerá por toda a eternidade como testemunha de que a existência da lei de Deus se acha ligada à felicidade de todos os seres por Ele criados."<sup>17</sup>

Agora o Universo está novamente integrado à perfeita harmonia primitiva. Os salvos de todas as eras cantam: "Grandes e admiráveis são as Tuas obras, Senhor Deus, todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações!" (Apoc. 15:3). Nenhuma nota dissonante jamais se fará ouvir. O mal não mais se levantará (Naum 1:9).

E, ao ser patenteada perante todo o Universo a perfeição da justiça divina, o germe do pecado, a dúvida (Gên. 3:4 e 5), será então totalmente extirpado impedindo, assim, que ele venha ressurgir. Pelos séculos intermináveis da eternidade ninguém terá dúvida alguma quanto à misericórdia e justiça divinas. Ninguém quererá rebelar-se contra o governo de Deus. Os registros do grande conflito terão provado definitivamente que Seu amor é infinito e que a Sua justiça é a própria marca da perfeição. **M**

#### Referências:

- Ellen G. White, *História da Redenção*, págs. 18 e 19.
- Lição da Escola Sabatina*, 3º Trimestre de 1989, pág. 169.
- Clifford Goldstein, *1844 Uma Explicação Simples das Principais Profecias de Daniel*, págs. 98 e 99.
- Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pág. 68.
- Idem, pág. 69.
- Idem, pág. 70.
- Clifford Goldstein, *Op. Cit.*, pág. 98.
- Lição da Escola Sabatina*, 3º Trimestre de 1989, pág. 168.
- Clifford Goldstein, *Op. Cit.*, pág. 100.
- Idem, pág. 99.
- Ellen G. White, *História da Redenção*, págs. 18 e 19.
- Lição da Escola Sabatina*, 3º Trimestre de 1989, pág. 169.
- M. L. Andreasen, *O Ritual do Santuário*, pág. 250.
- Lição da Escola Sabatina*, 3º Trimestre de 1989, pág. 169.
- Clifford Goldstein, *Op. Cit.*, pág. 100.
- Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 670.
- Idem, pág. 670 e 671.



# Operação **RESGATE**



**JAMES A. CRESS**

*Secretário ministerial  
da Associação Geral da IASD*

**R**on e Sue Carlson são meus heróis pastorais. Alguns anos atrás, Sharon e eu soubemos que uma amiga tinha se mudado para a área na qual aquele casal trabalhava. Sendo uma jovem viúva, nossa amiga desanimou e se afastou da igreja. Nós estávamos ansiosos para que ela experimentasse um renovado contato de apoio. Na esperança de que ela respondesse a uma visita amigável, pedimos a Ron que a incluísse em seus compromissos pastorais.

Logo depois de receber nossa mensagem, Ron e Sue foram à casa de nossa amiga e se apresentaram como nossos amigos. Sem pressionar, convidaram-na a assistir à igreja. Considerando seu próprio desejo por novas amizades, ela atendeu o convite. Não demorou muito, recebemos uma carta sua, na qual ela descrevia apreciação por aquela família pastoral e pela bondade recebida da congregação.

Com o crescimento do seu renovado relacionamento com Cristo, logo ela foi aceita formalmente como membro da comunidade, alegrando-se pela nutrição e aceitação que estava recebendo. Depois, soubemos que encontrou um homem com quem se casou naquela igreja.

Ao longo dos anos temos aprendido pontos importantes no processo de resgatar membros afastados:

**Nunca desista.** Você pode não saber como o Espírito Santo trabalha para trazer de volta um ser querido. A

## *Facilite o retorno e aplaine o caminho das pessoas que desejam voltar à igreja*

distância da igreja nem sempre é distância do amor de Deus..

**Valorize uma alma.** Lembre-se do valor que Cristo dá ao indivíduo. Uma coisa é refletir que “Deus amou o mundo de tal maneira”. Outra é proclamar que Ele ainda ama o mundo e quer o melhor para as pessoas pelas quais deu a vida. O evangelho enfatiza o significado do indivíduo. Considere a parábola da ovelha perdida. Pregue a realidade da graça de Deus. Enfatize o potencial que o Céu vê em cada alma. Deus vê minha pecaminosidade, mas Ele garante que eu posso voltar a ser fiel.

**Priorize o contato pessoal.** Ron e Sue apresentaram-se como nossos amigos. A agenda de sua visita foi motivada por amizade comum, e, assim, eles encontraram pronta aceitação. Busque saber o máximo possível sobre a pessoa a quem espera resgatar. Lembre-se, toda pessoa é um ser querido de alguém. Outros estão orando pelo sucesso do seu esforço.

**Busque momentos oportunos.** Ore para que Deus o dirija na visita. Ao orar e planejar fazer contatos e apelos evangelísticos, você dá lugar para o Espírito Santo preparar corações a serem alcançados.

**Faça visitas curtas.** Um primeiro contato não precisa ser longo para produzir resultados eternos. Uma apresentação amigável, um convite gracioso, informações sobre o local, horário e realização dos programas são suficientes. Torne-se disponível para quando a pessoa necessitar de um pastor.

**Esperre os resultados pacientemente.** O tempo de Deus não é nosso tempo. A semente lançada hoje pode frutificar de modo diferente do que você imagina.

**Pregue esperança.** Quando nossa amiga voltou a assistir aos cultos, falounos de sua apreciação pelas mensagens, que sempre enfatizavam o amor, o poder e a justiça de Cristo.

**Faça apelos.** Nossa amiga ficou muito impressionada de que o Pastor Ron sempre encorajasse as pessoas a agir segundo o que aprenderam da Palavra de Deus, levando-as a tomar decisões espirituais.

**Facilite as coisas.** Não crie dificuldades para aqueles que desejam retornar. O pai do filho pródigo correu, abraçou-o e o conduziu ao lar, com alegria. Se uma pessoa deseja voltar, facilite o retorno e aplaine o caminho dessa alma turbada. Proteja-a daqueles que talvez queiram impor suas opiniões pessoais ou censurar as falhas cometidas enquanto a pessoa esteve fora.

**Restaurre o passado.** Trate aqueles que vêm à igreja como filhos do Rei, como o perdão e a aceitação de Cristo assegura que são. Você não pode recuperar os anos perdidos, mas pode fazê-los sentir a realidade do perdão, construir sua fé, ajudá-los a descobrir seus dons espirituais e ensiná-los a alcançar outros.

**Envolva outros membros.** A amizade foi um fator importante no relacionamento de nossa amiga com a família da igreja. Ela sentiu que os irmãos a aceitaram e essa interação a encorajou a crescer espiritualmente.

**Alegre-se.** Jesus disse que a volta de um pecador arrependido causa alegria no Céu. Quando os errantes retornam, o mínimo que a igreja pode fazer é um encontro de confraternização.

**Comprometa-se.** Estabeleça tempo em seu programa de trabalho para visitar membros afastados. Isso tem consequências eternas. **M**



# A TIRANIA DA SOBRECARGA



**H. PETER SWANSON**

*Ph.D., professor assistente de Cuidado Pastoral no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos*

**O** que é esperado de um pastor? Uma pesquisa pioneira no assunto<sup>1</sup> já identificou 1.200 descrições das atividades que um pastor supostamente deve desempenhar. Não resta nenhuma dúvida de que isso é demais, mesmo para aqueles que se consideram ou são considerados superpastores. A realidade é que a média dos pastores trabalha sob duríssimas pressões que incluem pregar, aconselhar pessoas, coordenação do culto, resolução de conflitos entre os membros da congregação, crescimento da igreja e seu gerenciamento financeiro.

Dois anos atrás, a União Checa nos autorizou a realização de um estudo sobre os padrões de tempo e trabalho dos seus pastores. A pesquisa teve o envolvimento de 259 pastores, e selecionou membros leigos de diferentes igrejas, possibilitando assim a aquisição de diferentes perspectivas.

Os resultados da avaliação mostraram que a média dos pastores adventistas trabalha 65 horas por semana, com alguns espremendo-se até 85 horas.<sup>2</sup> Esses números são bem de acordo com as conclusões obtidas em outras partes do mundo e estudos feitos em várias denominações.<sup>3</sup> Tão longas horas em-

*O pastor deve controlar e dirigir o seu trabalho, tornando-o um instrumento de serviço efetivo*

pregadas no trabalho cobram seu preço sobre a família do pastor, sua saúde e seu crescimento pessoal, profissional, espiritual e social. O que é necessário fazer-se é um cuidadoso e intencional planejamento de tempo e prioridades de trabalho.

O trabalho parece ter uma forma de se tornar tirânico em nossa vida, embora o Criador jamais tivesse o propósito de que ele nos desgastasse. Pelo contrário, deveríamos ser senhores do nosso trabalho, e torná-lo um instrumento de serviço efetivo. Em outras palavras, devemos controlar e dirigir nosso trabalho.

A pesquisa que desenvolvemos levantou cinco preocupações estratégicas: Qual é o papel do pastor? Qual é a tarefa pastoral mais importante? Como os pastores deveriam determinar seu tempo? Como podem os pastores melhorar sua eficiência? Como podemos implementar uma razoável carga de trabalho para os pastores?

## **O papel do pastor**

A pesquisa definiu o trabalho pastoral como sendo composto de cinco grandes papéis. Cada um deles, por sua vez, foi definido em termos de um número particular de tarefas, conforme segue:

**Pregação** – inclui preparação e apresentação de sermões, planejamento de culto, condução do serviço de culto e planejamento do calendário anual de sermões.

**Administração** – envolve as comissões, comunicação com a congregação (preparação do boletim da igreja e contatos telefônicos, por exemplo), planejamento estratégico e finanças da igreja.

**Cuidado pastoral** – tem a ver com aconselhamento, visita a doentes, visitação nos lares, assistência à vida social da congregação, cuidados disciplinares e orientação geral da congregação.

**Ensino** – inclui ensinamento e treinamento, estudos em pequenos grupos, classes bíblicas, ministério jovem e devoção pessoal.

**Evangelismo** – refere-se a estudos bíblicos com pessoas interessadas na mensagem, evangelismo leigo, resgate de membros afastados, bem-estar da comunidade e evangelismo público.

Os pastores não devem esperar poder cumprir todas essas tarefas sozinhos. Na verdade, eles devem exercer um ministério partilhado, ajudando os membros da igreja a identificar e exercitar os respectivos dons espirituais, treinando-os para que assumam a responsabilidade pelo desempenho dessas atividades.

## **Tarefa mais importante**

Dentre as cinco atividades pastorais, qual a mais importante? Nosso estudo revelou algumas respostas previsíveis e outras surpreendentes conclusões. Em primeiro lugar, tanto pastores como leigos identificaram a vida devocional do pastor como a mais importante de todas



as atividades pastorais. Embora essa tarefa não apareça na relação já mencionada, sua priorização não deveria ser vista como surpresa, pois os membros da igreja olham o pastor, antes de tudo, como um líder espiritual da comunidade.

Em segundo lugar, tanto pastores como leigos concordam que o treinamento da congregação para o serviço é crucial para a vida e o crescimento da igreja. Onde quer que haja treinamento leigo e participação, a carga de trabalho do pastor é facilitada consideravelmente, e muitas outras vantagens são experimentadas.

Terceiro ponto, pastores e membros consideraram a participação leiga no evangelismo como indispensável à efetividade pastoral. Isso é deveras encorajador, porque revela que os membros da igreja querem as mesmas coisas que aliviarão a

carga pastoral e ao mesmo tempo asseguraram efetivo crescimento da congregação.

Em quarto lugar, e de certa forma surpreendente, embora os pastores colocassem a preparação de sermões na relação da tarefa mais importante, os membros leigos escolheram o ministério às crianças e jovens como a mais alta prioridade. Esse fato indica a preocupação congregacional pelo bem-estar espiritual de seu contingente jovem, além de enviar uma mensagem importante aos pastores.

Finalmente, em quinto lugar, enquanto os pastores consideraram o planejamento estratégico visionário como sendo de alta importância, a comunidade leiga colocou a visitação aos doentes e aos lares como altamente prioritária. O que essa visão diz é significativo: os

pastores tendem a investir mais tempo no estudo, mas as pessoas desejam que eles estejam misturados com elas, guiando e nutrindo o rebanho.

### Distribuição de tempo

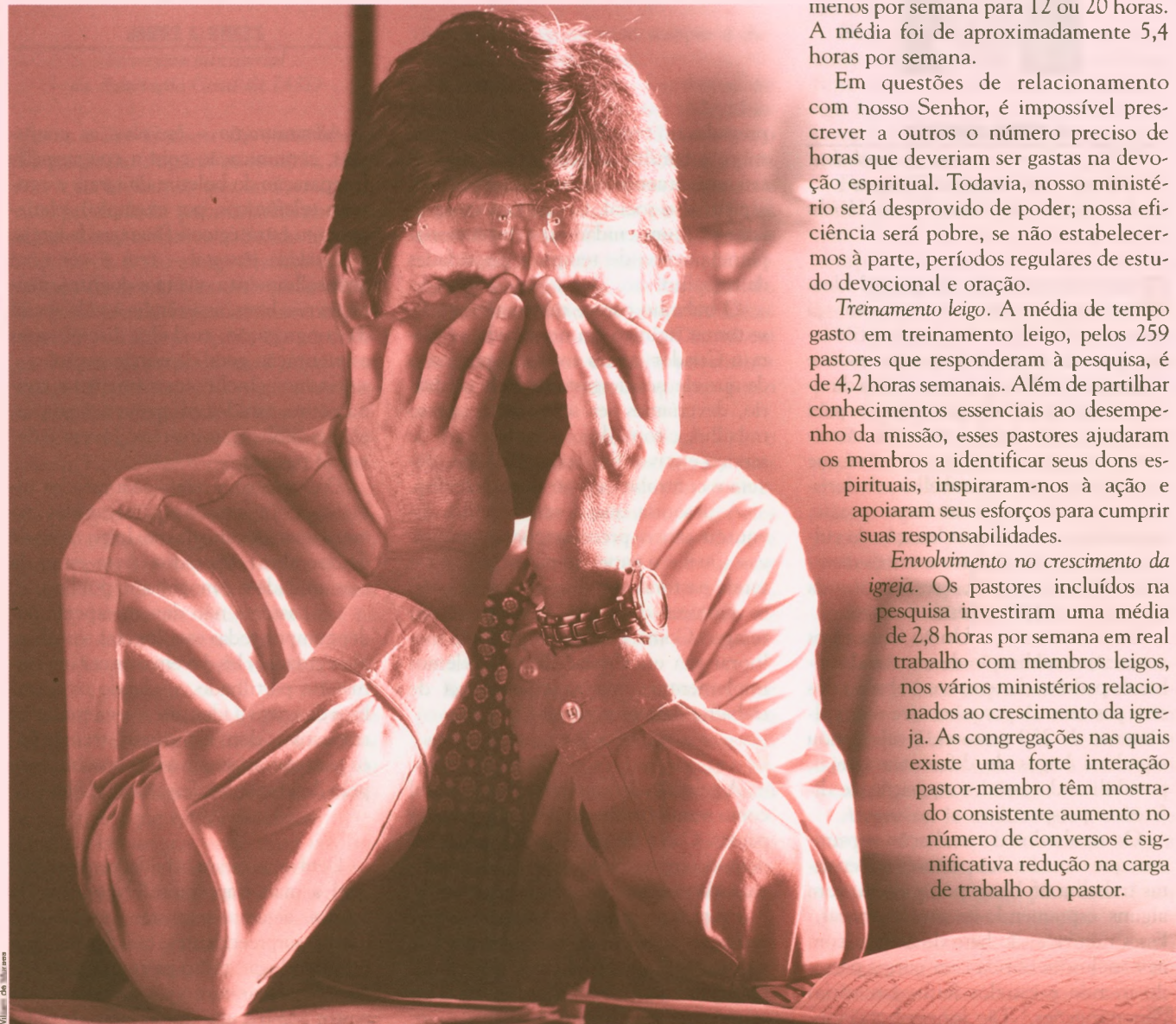
Como deveria o pastor dividir sua semana de trabalho entre essas e outras importantes tarefas? Determinar quanto tempo o pastor deve alocar para as várias atividades do dia-a-dia é um ato que requer delicado equilíbrio. Vamos verificar quanto tempo os pastores determinaram para algumas das tarefas principais subentendidas nas cinco prioridades enumeradas anteriormente.

**Devoção.** Embora essa fosse considerada a tarefa mais importante, o tempo investido pelo pastor em seu estudo e devoção pessoal variou de uma hora ou menos por semana para 12 ou 20 horas. A média foi de aproximadamente 5,4 horas por semana.

Em questões de relacionamento com nosso Senhor, é impossível prescrever a outros o número preciso de horas que deveriam ser gastas na devoção espiritual. Todavia, nosso ministério será desprovido de poder; nossa eficiência será pobre, se não estabelecermos à parte, períodos regulares de estudo devocional e oração.

**Treinamento leigo.** A média de tempo gasto em treinamento leigo, pelos 259 pastores que responderam à pesquisa, é de 4,2 horas semanais. Além de partilhar conhecimentos essenciais ao desempenho da missão, esses pastores ajudaram os membros a identificar seus dons espirituais, inspiraram-nos à ação e apoiaram seus esforços para cumprir suas responsabilidades.

**Envolvimento no crescimento da igreja.** Os pastores incluídos na pesquisa investiram uma média de 2,8 horas por semana em real trabalho com membros leigos, nos vários ministérios relacionados ao crescimento da igreja. As congregações nas quais existe uma forte interação pastor-membro têm mostrado consistente aumento no número de conversos e significativa redução na carga de trabalho do pastor.



William G. Barron



*Preparação de sermões.* O tempo gasto na preparação de sermões oscilou entre uma e 20 horas. Significa isso que os pastores que gastam pouquíssimas horas na preparação de sermões são mais experientes e competentes do que aqueles que gastam 20 horas? Ou poderia ser que alguns pastores não estão realmente levando a sério a preparação do sermão?

Uma simples mas desafiante regra homilética estabelece que para cada minuto que alguém planeja gastar no púlpito deveria investir uma hora na preparação. Segundo essa regra, estaremos melhorando a qualidade de nossa pregação e diminuindo os sermões excessivamente longos. Também, sob nenhuma circunstância, a qualidade do sermão deve ser comprometida. Nenhum membro de igreja deseja perceber isso.

*Ministério aos jovens.* Essa é uma atividade muito importante para nossos líderes voluntários, mas o estudo revelou que os pastores gastam, em média, 1,8 hora por semana envolvidos com o trabalho de assistir às crianças e aos jovens. A quantidade de tempo investido aqui talvez seja influenciada pelo número de jovens existentes na igreja, ou pela efetividade dos líderes leigos envolvidos no ministério jovem. Entretanto, para a irmandade, o envolvimento pastoral direto na vida de crianças, jovens e adultos é visto como indispensável.

*Planejamento estratégico.* De todas as responsabilidades administrativas do pastor, a mais importante é criar na congregação uma visão daquilo que Deus a chamou para ser e fazer. A partir daí, deve trabalhar para transformar essa visão em realidade. Nossa pesquisa revelou que os pastores investem uma média de 1,8 hora por semana nessa área de sua responsabilidade.

*Visita a enfermos.* Visitar doentes é seguir o exemplo de Jesus Cristo. Os pastores que foram entrevistados responderam que gastavam aproximadamente 3,8 horas por semana visitando doentes, incapacitados, viúvas, órfãos e desanimados. Em congregações onde haja uma preponderância de velhos ou membros doentes, essa tarefa pode requerer mais tempo.

Até aqui estivemos observando quanto tempo os pastores envolvidos na pesquisa gastaram no desempenho das atividades consideradas mais importantes. Agora vamos considerar o tempo que eles investem no atendimento das tarefas mencionadas por eles mesmos como sendo menos importantes.

*Boletim da igreja.* Tanto os clérigos como a irmandade avaliaram como sen-

do menos importante a eventual obrigação do pastor publicar um boletim semanal e compor um pequeno jornal periódico. No entanto, a maioria dos pastores relatou gastar aproximadamente 1,2 hora cada semana nessa atividade. O valor da comunicação congregacional via página impressa parece óbvio. Mas o envolvimento do pastor e o tempo comprometido com essa atividade normalmente deveria ser o mínimo.

*Finanças da igreja.* Pastores e líderes voluntários concordaram que a superintendência das finanças da igreja e o envolvimento de si mesmos nos esforços para levantar fundos são tarefas que são melhor desempenhadas por outras pessoas. Apesar disso, a pesquisa mostrou que os pastores gastavam uma hora ou mais cada semana nessa atividade.

Nem todas as denominações ou congregações concordam que seus pastores devam ser escusados do trabalho de levantar fundos. E quando grandes projetos, tais como programas de construção, tomam o centro das atenções, a extraordinária promoção e o envolvimento do pastor são indubitavelmente benéficos. Entretanto, parece que se essas responsabilidades puderem ser adequadamente cuidadas por outras pessoas capazes, o tempo do pastor poderá ser investido em outras questões mais prementes.

*Ajuda a necessitados.* A maneira como tratamos o faminto, o nu e o encarcerado realmente importa a Jesus (Mat. 25:45). Contudo, tanto os pastores como os líderes leigos colocaram esse trabalho perto do último lugar em importância, embora os que responderam à pesquisa gastassem cerca de 1,2 hora por semana nessa atividade.

É possível que pastores que trabalham em cidades do interior, comunidades mais pobres, possam ter envolvimento mais direto com o sofrimento do que o que foi relatado pelos pastores pesquisados. Muitos deles faziam parte de congregações mais privilegiadas, de classe média.<sup>4</sup>

*Chamadas telefônicas.* A quarta atividade menos importante da lista, segundo a pesquisa, é a tarefa administrativa de fazer e responder a chamadas telefônicas, cuidar da correspondência da igreja, preencher formulários, etc. o tempo gasto aqui varia de meia a 15 horas, com uma média de aproximadamente 4,5 horas por semana. Uma boa secretária voluntária pode facilitar o manejo dessa correspondência, embora algumas chamadas e cartas sejam inevitáveis.

*Eventos sociais da igreja.* Dos ministros é esperado que participem nos eventos sociais relacionados à congregação. Embora aceita por muitos como uma obrigação pastoral, essa tarefa foi considerada a 20ª em importância, mas absorvia aproximadamente 2,3 horas do tempo dos pastores cada semana.

Nosso estudo indicou que um pastor necessita cerca de 75 horas em uma semana para cumprir todas as tarefas básicas, conforme relatado na questão de consumo de tempo. A inquietação, porém, é a seguinte: É razoável esperar 75 horas semanais de trabalho do pastor, ou mesmo 60 horas? Tal expectativa é nada menos que submissão à tirania de tentar fazer demais.

A expectativa de 75 horas semanais de trabalho deveria soar como um alarme para a Igreja e seus administradores. O trabalho pastoral não pode ser feito sem um ativo ministério de delegação envolvendo os leigos. Essa, possivelmente, é a lição central que aprendemos com a pesquisa.

## Eficiência pastoral

O estudo também focalizou a eficiência pastoral. Alguns pastores são excessivamente perfeccionistas enquanto outros habitualmente largam atrás no desempenho do trabalho de qualidade. Para avaliar a qualidade da performance de um clérigo, solicitamos aos secretários ministeriais que identificassem os pastores mais efetivos e os menos efetivos em suas respectivas Associações. Então procuramos as diferenças entre os dois grupos. Também fizemos uma comparação entre os pastores que batizavam 50 ou mais pessoas em uma igreja, durante um período de três anos, com aqueles que batizavam dez ou menos no mesmo período.

*O pastor deve  
partilhar  
responsabilidades com  
os membros, conforme  
os respectivos dons.*



As conclusões foram fascinantes. A avaliação que os pastores fizeram de seu próprio desempenho na realização das tarefas foi quase a mesma que os secretários ministeriais fizeram. Posteriormente, solicitamos aos líderes voluntários que avaliassem a qualidade do trabalho de seus pastores. Os resultados dessa avaliação não foram significativamente diferentes das outras.<sup>5</sup>

Embora muitos fatores influenciem a efetividade e a produtividade no trabalho pastoral,<sup>6</sup> está claro que aqueles pastores cuja qualidade do trabalho é acima da média são reconhecidos como superiores àqueles que demonstram uma qualidade ministerial abaixo da média. Isso significa que um padrão relaxado e inferior de trabalho não é aceitável. Quaisquer que sejam as razões do baixo desempenho, os pastores que se encontram nessa situação devem empreender ações determinadas para remediá-la. Pode ser que necessitem experimentar um período de reciclagem, educação contínua ou treinamento em alguma área de deficiência, para que possam corrigir seus defeitos.

Nossas conclusões também mostram que, embora algumas grandes congregações tenham condições de contar com a liderança de pastores especialistas em pregação, evangelismo, cuidado pastoral, finanças, ministério da família, etc., a maioria das igrejas de um modo geral necessita um tipo de “clínico geral” que, com a ajuda de membros bem treinados, possa ministrar às várias necessidades da congregação.

Cada congregação tem seus desafios particulares e áreas que merecem atenção específica. Embora a expansão educacional possa ser um ponto de prioridade em um ano, por exemplo, outros aspectos da missão podem colocar diferentes demandas sobre a capacidade pastoral em anos subsequentes. Os bons “clínicos gerais” devem ser intencionalmente seletivos sobre onde investir suas energias, evitando

*Dizer não a atividades  
não relacionadas  
à missão é um  
dever sagrado.*

assim ficarem sobrecarregados simplesmente porque eles se sentem capazes de fazer bem muitas coisas.

Embora não possamos conseguir uma proficiência notável em todos os cinco papéis pastorais, certamente podemos lutar por excelência em cada aspecto do ministério. Os pastores podem monitorar seu próprio trabalho fazendo avaliações periódicas. As esposas e os filhos frequentemente agem como valiosos críticos.

Os membros da igreja são a melhor fonte de assistência na compreensão de nossa efetividade. As percepções que eles nos oferecem providenciarão um equilíbrio saudável para nossa avaliação regular de como estamos progredindo em direção aos nossos objetivos pessoais e congregacionais.

### **Carga razoável**

Uma realidade demonstrada por nosso estudo é que os pastores estão sob extrema pressão. Eles têm muito para fazer, e cumprir todas as coisas efetivamente é algo muito difícil, se não impossível. Essa tirania da sobrecarga de trabalho pode ser um monstro que nós mesmos criamos. Pode também ter sido criado pelas múltiplas demandas que outras pessoas nos impõem. De qualquer forma, a tirania deve ser domada.

De que maneira podemos, como pastores, cumprir as tarefas de nós esperadas e ainda manter uma carga de trabalho razoável? A pesquisa ajudou-nos a desenvolver quatro sugestões.

A primeira delas nos aconselha a decidir colocar um limite máximo de horas semanais, durante as quais podemos e desejamos trabalhar, depois de providenciar tempo adequado para assistência à família, cuidados com a saúde e outras obrigações pessoais. Para alguns pastores, esse tempo semanal pode ser de 60 horas. Para outros, um período de 50 ou 40 horas parece algo mais realista.

Não devemos nos esquecer de reservar uma margem aproximada de 10% para as emergências que surgem.

A segunda sugestão é no sentido de distribuírmos o tempo de trabalho entre os cinco papéis pastorais. Enquanto você estima a quantidade de tempo que será utilizado para cada papel, considere como cada uma das tarefas pastorais que estão associadas com esse papel será realizada no tempo estabelecido. Esteja seguro de que você treinará e organizará a irmandade para ajudá-lo a realizar algumas das tarefas pastorais.

A seqüência ensinar-evangelizar-firmar poderia ser repetida em anos subsequentes. Na realidade, as mudanças nos alvos e necessidades da congregação podem exigir diferentes maneiras de gerenciar o tempo do pastor.

Terceira sugestão: estabeleça o que você planeja fazer e quando planeja completar cada tarefa. A contagem regressiva de uma lista do que fazer é importante quando certos limites de prazo precisam ser cumpridos. Se você estabelece e segue um programa, deve estar seguro de que o tempo determinado para diferentes prioridades será realmente investido de acordo com o que foi planejado. Lembre-se de que um programa é simplesmente uma ajuda para tomar decisões inteligentes e oportunas, a fim de que você alcance seus alvos de um modo eficaz e significativo.

Finalmente, a quarta sugestão: coloque seu plano para funcionar. Faça os ajustes necessários, à medida que avança, para assegurar-se de que seus objetivos estratégicos serão alcançados. Jamais se esqueça de que a missão da Igreja é muito mais importante que os métodos. Não importa quão reverenciada ou bem estabelecida seja uma prática particular. Se ela não está mais contribuindo para a vida e para atingir as metas da congregação, sua relevância deve ser reestudada. Eliminando as coisas que não são essenciais, diminuímos as distrações e focalizamos nossos melhores esforços onde eles são mais necessários.

Seja rigorosamente seletivo com os itens novos e urgentes que gritam por um lugar em sua “lista do que fazer”. Dizer “não” a atividades que são inconsistentes com o foco principal de nossa missão é um dever sagrado. Ao descartarmos deliberadamente o supérfluo, e intencionalmente focalizar as tarefas verdadeiramente importantes, podemos maximizar nossa efetividade e gerenciar sabiamente o nosso tempo.

Priorização e gerenciamento do tempo são servos que nos ajudam a ser pastores mais eficientes. **M**

#### **Referências:**

- <sup>1</sup> D. S. Schuller, M. P. Strommen e M. L. Brekke, *Ministry in America* (Nova York: Harper & Row, 1980).
- <sup>2</sup> Pesquisa sobre atividades pastorais, não publicada, desenvolvida pelo autor, em 2001, para uma Associação.
- <sup>3</sup> H. Peter Swanson, “Pastoral Effectiveness: A Study of Differences Among Comparison Groups of Seventh-day Adventists Clergy”, tese doutoral, 1999, págs. 41 e 58.
- <sup>4</sup> *Ibidem*, págs. 10 e 290.
- <sup>5</sup> *Ibidem*, págs. 263 a 265.
- <sup>6</sup> *Ibidem*, págs. 22 a 61, 78 a 91.



# EVANGELISMO DE ROUPA NOVA



**MIROSLAV PUJIC**

*Diretor de Comunicação da Divisão Trans-Européia*

O mundo ocidental vive em um estado de fluxo. O mundo moderno, estabelecido com o fenômeno do Iluminismo, está se desmoronando. O pós-modernismo já não é simplesmente parte da teoria e da classificação acadêmica. É aceito como parte da realidade e normalidade, um fenômeno presente na cultura popular. Ele permeia a literatura, a televisão, a música e a arte. É também manifestado nas relações de trabalho e na maneira como as pessoas se relacionam.

• Indivíduos pós-modernos têm as seguintes características:

• Rejeitam verdades estabelecidas, expressas em dogmas e termos absolutos; querem experimentar a verdade.

• São abertos à emoção e à intuição.

• Comunicam-se através de palavras ligadas a imagens e símbolos. Sentem-se mais à vontade conversando através de palavras e afirmações claras.

• Estão preocupados com a situação humana e o meio ambiente.

• Desconfiam de instituições, burocracia e hierarquias. Mas gostam de fazer parte de uma comunidade na qual eles participem e interajam.

• Ficam à vontade falando de espiritualidade e valores.

*O desafio da Igreja é ajustar-se às mudanças sociais e como expressar a verdade eterna de uma forma relevante para a cultura emergente, sem macular seus princípios*

Eles suspeitam das reivindicações de certeza e desconfiam das alegações de objetividade. Para eles o mundo é muito mais ruidosamente um lugar subjetivo.<sup>1</sup> Os pós-modernos dizem coisas tais como: “Eu crio minha própria versão da verdade, a partir de diferentes recursos. Tenho a minha verdade; não tente me impor a sua.”

No mundo pós-moderno, a primeira questão é mais provavelmente “como você sente?” em lugar de “o que você pensa?” Robert Webber diz: “Indicações de uma visão pós-moderna sugerem que o mistério, com sua ênfase na complexidade, ambigüidade e comunidade; com sua ênfase no inter-relacionamento de todas as coisas, e formas simbólicas de comunicação, com ênfase no visual, é central para o novo modo de pensamento.”<sup>2</sup>

## Venda religiosa

Nesse tipo de mundo, com sua crescente ânsia por espiritualidade e por encontrar satisfação e significado na vida, por que a Igreja cristã ainda é impopular?

Uma razão é que, quando oferecemos uma alternativa completa de mundo às pessoas, estamos agindo num estilo imperialista, o que é rejeitado pelos pós-modernos. Apresentamos o evangelho de A-Z, como um pacote, e pen-

samos que isso ainda é uma forma produtiva de fazer evangelismo. Mas em nenhum lugar encontramos Jesus ou os apóstolos trabalhando com tal modelo.

Em muito do evangelismo tradicional, parecemos operar sob a premissa de que temos um “produto” (o evangelho ou o ensinamento adventista do sétimo dia) que você (o consumidor) necessita; e então fechamos a troca. Essa abordagem não faz sucesso entre os indivíduos pós-modernos, que vêem essa operação religiosa de venda como uma técnica manipuladora de *marketing*.

Ao contrário disso, deveríamos procurar construir relacionamento com homens e mulheres pós-modernos através da amizade, o que ajudará a abrir as portas da confiança. Nossa abordagem deveria ser mais relacional e contextual do que confrontadora e proposicional. O desafio para a Igreja é como ajustar-se às mudanças sociais e como expressar a verdade eterna nessa cultura emergente e através dela, ao tempo em que retém fortemente sua sólida objetividade e sua compreensão da verdade normativa.

## Um chamado

A Bíblia diz que somos devedores “tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes” (Rom. 1:14). E que o evangelho eterno deve



ser pregado “aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo” (Apoc. 14:6).

Seguramente isso inclui a cultura pós-moderna de nossos dias. Quando o endemoninhado gadareno foi curado, Jesus lhe disse: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti” (Mar. 5:19). Nesse relato, Jesus nos ensina os princípios fundamentais do evangelismo. Ele deseja que nos voltemos para nossa comunidade e construamos relacionamentos integrais com as pessoas que nos rodeiam, com aqueles com quem nós vivemos, trabalhamos e nos divertimos. Devemos partilhar a maravilhosa história – nossa história – de um Deus maravilhoso e amoroso que tem feito a diferença em nossa vida.

### **Abordagem trans-européia**

Em busca de um caminho culturalmente sensível para alcançar pessoas pós-modernas, em uma cultura essencialmente pós-cristã, temos desenvolvido na Divisão Trans-Européia uma abordagem cujo núcleo é uma visão estratégica para envolver nossos irmãos na construção de uma autêntica amizade com descrentes pós-modernos em nossas comunidades; no processo de encaminhá-los a Jesus Cristo; e em prover esperança através de apoio e nutrição espiritual.<sup>3</sup>

Essa visão é construída sobre três modelos bíblicos que são colocados no “mapa” de nosso mundo grandemente pós-moderno.

*Pertencer antes de crer.* A estratégia evangelística tradicional e mais amplamente adotada é: Ensinar o evangelho às pessoas, observar se elas se comportam de acordo com as doutrinas ensinadas, e então aceitá-las no corpo de Cristo. Repetimos, esse método tem-se provado impróprio e ineficaz no mundo ocidental pós-moderno.

“Os descrentes precisam ser envolvidos em pequenas comunidades de crentes, de modo que eles possam ver o impacto do evangelho em seu relacionamento e experimentar alguns dos seus benefícios. Tal foi a dinâmica que fez a igreja pré-Constantino tão efetiva. No contexto das comunidades cristãs, o desiludido, cínico e desinteressado era respeitado e aceito, e convertido em “interessados avivados”, para usar a descrição de John Wesley.”<sup>4</sup>

As pessoas estão procurando genuínos relacionamentos. Cristo é o melhor exemplo de como construir amizade. “O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Então lhes dizia: ‘Segue-Me’.”<sup>5</sup>

Isso exige planejamento e sacrifício. Temos vidas muito ocupadas. O compromisso pessoal de fazer amigos e construir relacionamentos com não cristãos toma tempo e energia, mas se queremos partilhar o amor de Jesus Cristo precisamos sair da nossa zona de conforto. Em todo relacionamento dialogar e partilhar são fundamentais, e temos de lembrar que dialogar inclui

*Não é possível fazer*

*evangelismo*

*instantâneo com a*

*geração da qual*

*fazemos parte.*

*Evangelizar*

*é um processo.*

ouvir autêntica e atentamente. Ajudar o povo a compreender a história de Cristo requer tempo e paciência. Devemos ser honestos, compreensivos e sem preconceitos.

Na criação de tal ambiente, andar e comer juntos são componentes importantes. A refeição partilhada sustenta relacionamentos humanos e simboliza solidariedade. Os alimentos expressam a textura das associações humanas, o caminho da vida, as normas e os compromissos. Jesus comeu e bebeu com as pessoas, mesmo com os pecadores mais desprezados pelos líderes religiosos de Seus dias. Ele foi criticado por fazer isso (Mat. 11:19; Marc. 2:15-17; Luc. 15:1 e 2). No entanto, sabia que estar com o povo ao redor de uma mesa O habilitaria a construir confiança e amizade.

Se o principal propósito do evangelismo é apenas crer, então nós estamos sob o limitante e limitado constrangimento de pressionar as pessoas a um despertamento de verdades que elas necessitam conhecer. Mas quando o ponto não é apenas o que as pessoas vêm a saber, mas a maneira pela qual elas chegam a conhecer e experimentar, então há uma dinâmica nova e muito mais efetiva.

Se o principal propósito do evangelismo é comportamento, então levamos as pessoas a focalizarem a si mesmas e mudar seus hábitos pessoais. Mas se o ponto é ajudar alguém, tornando-se um verdadeiro amigo; se o principal propósito do evangelismo é pertencer, então nós transformaremos as pessoas em discípulos de Jesus e as incorporaremos em uma vibrante comunidade cristã.

“Pertencer antes de crer” não significa que a pessoa é espiritualmente incorporada no corpo de Cristo, mas aceita no processo de transformação, que é obra do Espírito Santo.<sup>6</sup>

“Um senso de pertencer coloca os interessados na posição de observadores-participantes, de modo que eles podem aprender tudo a respeito do evangelho. Podem observar de perto o impacto que ele causa na vida de indivíduos e como forma uma comunidade. Através desse processo o interessado vem a saber quando ele está pronto para tomar uma decisão pessoal de identificar-se com o Senhor e com o corpo de Cristo.”<sup>7</sup>

As pessoas anelam pertencer a um lugar ao qual possam chamar de lar. O mundo ocidental está indo do modernismo, onde o Iluminismo criou autonomia própria, individualismo e isolamento, para o pós-modernismo, onde as pessoas estão buscando identidade e comunidade. Ao invés de descoberta científica, temos agora realidade virtual, uma experiência que é real no efeito, mas não de fato.<sup>8</sup>

No tormento da solidão e na busca de identidade, os cristãos deveriam criar uma comunidade que aceita essas mudanças e ajuda as pessoas a encontrar sua identidade tornando-se discípulos de Jesus Cristo.

*O processo do evangelismo.* Quando Cristo iniciou Sua missão, Ele entrou profundamente no mundo de doze pessoas, identificou-Se com elas e suas condições e comprometeu-Se, antes de tudo, a começar o processo de evangelização. Levou mais que três anos para



que os apóstolos crescessem na compreensão de Jesus; primeiro, como um Mestre, depois um profeta, então o Messias, o Filho de Deus assunto ao Céu, com uma causa além do que eles podiam imaginar. Isso sugere um processo, não um evento.

Embora estejamos usando comida e bebida instantâneas, pagamento e recebimento de dinheiro instantâneos, mensagens instantâneas, não podemos fazer evangelismo instantâneo, pelo menos não com a geração da qual fazemos parte. Evangelizar é um processo. Leva uma pessoa a uma jornada espiritual que conhecemos muito bem, com todos os seus altos e baixos.

Nessa jornada, nosso trabalho é dar um passo por vez. O trabalho do Espírito Santo é convencer a pessoa e levá-la à conversão. Nossa responsabilidade é estar disponíveis como instrumentos que Deus usa para completar Sua obra. Nosso objetivo é simplesmente seguir a Jesus. Entre outras coisas, isso nos ajudará a experimentar o milagre de caminhar sobre as águas, como Pedro o fez (Mat. 14:29).

### Conversão em seis tempos

Jimmy Long identifica seis passos no processo pós-moderno de conversão. Ei-los:

- Descontentamento com a vida.
- Confusão sobre significado.
- Contato com cristãos.
- Conversão à comunidade.
- Compromisso com Cristo.
- Chamado à visão celestial de Deus.<sup>9</sup>

Na realidade, a conversão algumas vezes não segue exatamente essa seqüência. Tempo, lugar e velocidade são aplicáveis a cada indivíduo. Pode ser que uma pessoa cubra o processo mais rápido que outra, ou pule um ou outro, mas não deixa de ser um processo, porque a geração pós-moderna requer tempo para fazer qualquer compromisso permanente na vida.<sup>10</sup>

O processo ajuda o interessado a ver o evangelho em ação no estabelecimento da comunidade cristã. Modela o coração do interessado, não apenas sua mente. Leva-o a uma maturidade cristã integral. Converte-o num discípulo, não apenas em um membro. Habilita-o a ser um fazedor de discípulos.

*Evangelismo narrativo.* Como parte desse processo, uma história tem o poder de provocar nossos pensamentos e emoções, e pode colocar-nos em ação. Uma história pode criar uma visão

que, por sua vez, produz caráter. Isso muda a mente de uma pessoa e afeta sua atitude, mundivisão e alma. Jesus compreendeu o poder das histórias e usou muitas delas como ilustrações para ensinar, de modo que o povo compreendesse. Ele ensinou apenas por parábolas (Mar. 4:33 e 34).

O conceito de evangelismo narrativo apresenta o evangelho não como um punhado de dados que induz a uma conclusão lógica. Todo o evangelho é uma narrativa na qual a história de Deus colide com a história humana, e essa interseção do humano com o divino faz a diferença.

Uma nova geração está buscando encontrar um modelo viável através do qual ou no qual o significado último seja encontrado. Quando ela vir cristãos que vivem suas histórias em comunidades fiéis, embora imperfeitamente, certamente responderá. Isso provê esperança para uma geração desesperada. Apoiará em sua vida diária e proverá nutrição para sua formação espiritual.

### Oportunidade áurea

“A história de que há um Deus que cuida dos seres humanos é uma velha mensagem. Mas tem recebido um novo atrativo, uma nova plausibilidade em nosso tempo. Nossa geração pós-moderna está mais pronta do que nunca para ouvir essa história com novos ouvidos, por causa do esvaziamento e irregularidade da vida pós-moderna.”<sup>11</sup>

Estamos diante de uma oportunidade áurea, uma janela aberta através da qual a luz de Cristo pode brilhar.

A comunidade cristã possui recursos únicos que podem ser apropriados para responder à nova situação cultural. Os pós-modernos estão providenciando uma plataforma mais hospitaleira para as possibilidades espirituais e teológicas. Não é suficiente compreendermos nosso mundo à distância, ou simplesmente ter uma estratégia de evangelização. Precisamos andar e ombrear-nos com aqueles que desejamos alcançar para Cristo. Precisamos viver com incrédulos pós-modernistas em seus termos, tanto quanto seja possível. Isso estabelecerá o fundamento para que uma real comunicação tenha lugar. E nos dará excelentes oportunidades para aprofundar nossa própria fé e permitir que o Espírito Santo atue através de nós. M

#### Referências:

- <sup>1</sup> Tony Jones, *Postmodern Youth Ministry: Exploring Cultural Shift, Creating Holistic Connections, Cultivating Authentic Community* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001), págs. 31 a 43.
- <sup>2</sup> Robert E. Webber, *Ancient-Future Faith: Rethinking Evangelicalism for a Postmodern World* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999), pág. 35.
- <sup>3</sup> Ver [www.lifedevelopment.info](http://www.lifedevelopment.info) para mais informações.
- <sup>4</sup> Gibbs/Coffey, pág. 192.
- <sup>5</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 143.
- <sup>6</sup> Gibbs/Covey, pág. 194.
- <sup>7</sup> *Ibidem*, pág. 194.
- <sup>8</sup> Jimmy Long, *Generating Hope: A Strategy for Reaching the Postmodern Generation* (Crowners Grove, Ill: InterVarsity Press, 1997), pág. 73.
- <sup>9</sup> *Idem*, pág. 206.
- <sup>10</sup> *Idem*, pág. 208.
- <sup>11</sup> *Idem*, pág. 190.



Werner Binemann



# PERFIL DE UM LÍDER



**EMILSON DOS REIS**

*Professor no Seminário Adventista  
Latino-americano de Teologia,  
Engenheiro Coelho, SP*

**P**ara que alguém exerça a função de líder deve possuir certas capacidades de fazer e qualidades de ser. Muitas delas podem ser vistas nos líderes seculares bem-sucedidos, enquanto outras são pertinentes apenas à liderança exercida na igreja. A seguir, discorreremos sobre aquelas que julgamos constar entre as mais importantes.

A primeira qualidade que deve caracterizar um líder eclesialístico é a consagração, ou seja, a entrega completa da vida a Deus, sem qualquer reserva. O indivíduo oferece ao Senhor tudo o que é e possui, desejando pertencer-Lhe para sempre. É a aceitação de Cristo como Senhor.

Após essa entrega inicial, a vida continua e, com o passar do tempo, devido ao nosso aprendizado cada vez maior das Sagradas Escrituras e à nossa comunhão com Deus, descobriremos pecados e fraquezas no âmbito das relações familiares, alimentação, trabalho, recreação, vida sexual, bens materiais, entre outros aspectos. Deus espera que, pela Sua graça, todos os pecados sejam abandonados, todas as fraquezas, vencidas, e que lhe entreguemos todas as áreas de nossa vida. É por isso que não basta uma entrega completa inicial. Ela precisa ser renovada a cada dia.

*Os líderes que marcaram época amavam o povo mais do que a si mesmos. Quando necessário, arriscavam a própria vida*

Nenhum cristão deve ser desonesto, mentiroso, intemperante, preguiçoso, fornicário ou adúltero. E o que esperar do líder da igreja? Como pode alguém com esses pecados, ou outros semelhantes, esperar ser um líder do povo de Deus? Que Ele não permita!

Em Seus ensinamentos, Jesus freqüentemente convidava Seus ouvintes a uma entrega total. Certa vez Ele disse: "Qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem não pode ser Meu discípulo" (Luc. 14:33). Esse "tudo" pode variar de pessoa para pessoa, mas sempre se refere a tudo aquilo que, se conservado, nos impediria de manter um relacionamento adequado, profundo e duradouro com Jesus. Pode ser um objeto, uma atividade, um relacionamento, um mau hábito, um vício, um pecado – qualquer coisa a qual temos amado mais do que a Jesus. É justamente isso que Deus deseja que abandonemos. Um líder eclesialístico deve ser alguém consagrado ao Senhor.<sup>1</sup>

## Visão

Para liderar é necessário possuir "clareza de propósito, o conhecimento daquilo que queremos e o desejo ardente de possuí-lo".<sup>2</sup> Visão é a capacidade de ver o que se quer realizar, como se já existisse. O líder sabe o que quer fazer e para onde vai<sup>3</sup> porque ele já viu.

A visão "desenha o alvo. Acende e alimenta a chama interior e impele o líder para a frente. Ela também acende

aqueles que seguem o líder".<sup>4</sup> Não pode ser comprada, vendida ou emprestada. Para descobri-la o líder deve ouvir o que Deus tem a lhe dizer; examinar o seu próprio interior, analisando seus dons e aspirações; observar à sua volta aquilo que não funciona e que clama por solução, e aprender com aqueles que têm sido bem-sucedidos. A visão deve ser abrangente, atendendo às necessidades dos outros e agregando valor à vida deles.<sup>5</sup>

## Iniciativa e competência

Podemos nos relacionar com a vida de duas maneiras. Em uma assumimos o papel do cavalo enquanto a vida cavalga. Na outra, somos o cavaleiro enquanto a vida é o cavalo. A escolha é nossa.<sup>6</sup> Aquele que tem iniciativa não fica esperando a oportunidade passar ou que a situação melhore, nem vive ao sabor do destino. Ele decide e age.

Alguém se expressou de outra maneira, dizendo que há três tipos de homens: os que não sabem o que está ocorrendo, os que estão informados sobre o que acontece e os que fazem as coisas acontecerem. Os líderes pertencem a esse último grupo. Além de saberem muito bem o que querem e serem dedicados em suas ações, eles correm mais riscos e cometem mais erros, o que, contudo, não os desanima.<sup>7</sup> Eles não têm medo de errar. Sabem o que querem. Iniciativa é uma virtude que abarca o espírito de decisão, a coragem



para lançar-se à ação e a prontidão para começar o que precisa ser feito.

“A iniciativa é o comportamento que ajuda a esclarecer as tarefas e a fazer o trabalho. Os líderes com iniciativa indicam padrões de desempenho bem definidos, estabelecem objetivos, organizam o trabalho, enfatizam o cumprimento de prazos e coordenam o trabalho dos membros da equipe.”<sup>8</sup>

O mais importante é saber o que se quer. Depois disso, a segunda coisa importante é começar a buscar aquilo que se quer, exatamente onde estamos, fazendo uso dos recursos que temos à disposição, mesmo que sejam apenas os nossos pensamentos.<sup>9</sup>

O líder necessita conhecer bem o seu trabalho, tanto para ter o respeito do grupo como para poder ensinar, treinar e orientar. É necessário que esteja atualizado, o que pode ocorrer através de leituras e da participação em cursos e seminários. “Indivíduos bem-sucedidos, em todas as profissões, jamais cessaram de adquirir conhecimentos especializados relacionados com o seu principal objetivo, negócio ou profissão liberal.”<sup>10</sup>

### Personalidade agradável

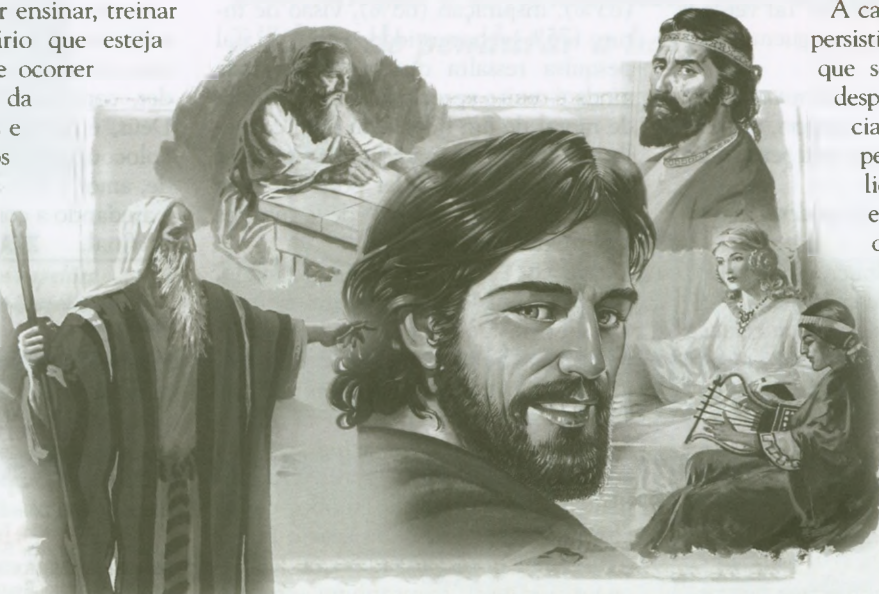
Para que um líder conquiste o respeito dos seguidores e tenha suas idéias aceitas por eles, é necessário que tenha uma personalidade agradável.<sup>11</sup> As pessoas primeiro aceitam o líder, depois os seus planos.<sup>12</sup> Por isso, toda aparência desleixada, descuidada, e todo comportamento rude devem ser banidos. O êxito em nosso serviço em prol de outros depende não apenas da quantidade e da qualidade do trabalho que realizamos, mas, especialmente, do espírito que manifestamos no desempenho de nossas atividades, tendo um comportamento cordial, agradável, harmonioso e cooperador com nosso semelhante,<sup>13</sup> no qual o sorriso é parte fundamental.

Para relacionar-se bem, é necessário ter a cabeça de um líder para entender as pessoas, tratá-las como indivíduos e buscar compreender como pensam e

sentem. Ter o coração de um líder para amar as pessoas, sentindo empatia e interesse por elas. Estender a mão de um líder para ajudar as pessoas, focalizando em especial não o que pode ser obtido delas, mas o que pode acrescentar proveito à vida delas.<sup>14</sup>

Ainda que um líder possa fazer-se temer, deve preferir fazer-se amar. Nossa vida é uma sementeira, e vamos colher o que semeamos. É importante que semeemos somente o bem. Palavras e gestos de bondade serão uma bênção aos que estão à nossa volta e reverterão em nosso próprio benefício. Acerca do ministério de Jesus, lemos:

“Grande tato e sabedoria são necessários no trabalho de ganhar almas. O Salvador nunca suprimiu a verdade,



A. Risch-Helber - Photos

mas disse-a sempre com amor. Em Suas relações com outros, exercia o máximo tato, e era sempre bondoso e cheio de cuidado. Nunca foi rude, nunca proferiu desnecessariamente uma palavra severa, não ocasionou jamais uma dor desnecessária a uma alma sensível. Não censurava a fraqueza humana. Denunciava destemidamente a hipocrisia, a incredulidade, e a iniquidade, mas havia lágrimas em Sua voz ao proferir suas esmagadoras repreensões. Nunca tornava a verdade cruel, porém manifestava profunda ternura pela humanidade. Toda alma era preciosa aos Seus olhos. Conduzia-Se com divina dignidade; inclinava-Se, todavia, com a mais terna compaixão e respeito para todo membro da família de Deus. Via em todos, almas a quem tinha a missão de salvar.”<sup>15</sup>

O líder precisa manifestar sincero interesse pelos outros, ouvindo-os com atenção e buscando compreendê-los, bem como as suas reações. Isso deve ser verdadeiro especialmente nos momentos que são marcantes para eles. “O chefe que se aproxima de seus homens nos momentos de dor ou de triunfo, penetra mais fundo em seus corações nesse breve momento, do que em toda uma vida.”<sup>16</sup>

Acrescentamos ainda que os grandes líderes que marcaram época amavam o povo de Deus mais do que a si mesmos e, quando necessário, arriscavam a própria vida por ele. Foi esse o caso de Moisés, Calebe, Ester, Neemias, Paulo e Jesus.

### Perseverança

À capacidade de insistir e persistir rumo aos objetivos que se espera alcançar, a despeito das circunstâncias negativas, chama-se perseverança. É a qualidade necessária para enfrentar e superar os obstáculos e o próprio desânimo. Farnos-ia bem encarar cada fracasso como simples derrota temporária, ao invés de fiasco permanente. “A derrota temporária só deve significar uma coisa, a certeza de que há algo errado no plano. ... Ninguém é derrotado até que desista – em sua própria mente.”<sup>17</sup>

Uma adversidade, ou derrota temporária, tem que ser vista como uma oportunidade para nos desvencilharmos dos hábitos de vida e de pensamento que nos têm levado ao fracasso e para conhecermos outras forças e capacidades que têm estado adormecidas em nosso interior, de modo que despertem e nos levem a formular novos hábitos e estilo de vida que resultem em êxito.<sup>18</sup>

Uma adversidade, ou derrota temporária, tem que ser vista como uma oportunidade para nos desvencilharmos dos hábitos de vida e de pensamento que nos têm levado ao fracasso e para conhecermos outras forças e capacidades que têm estado adormecidas em nosso interior, de modo que despertem e nos levem a formular novos hábitos e estilo de vida que resultem em êxito.<sup>18</sup>

### Entusiasmo

A palavra entusiasmo é derivada do idioma grego. Originalmente era utilizada em relação às pessoas animadas, empolgadas, significando que estavam possuídas ou inspiradas por uma divindade. O líder do povo de Deus, por causa de sua intimidade com o Senhor,



mais do que qualquer outra pessoa, deve ser otimista, contagiando os que estão à sua volta. Brotando do íntimo, o entusiasmo confere força e convicção às palavras que dizemos, obtém a cooperação dos outros e motiva à ação.<sup>19</sup>

Deus nos concedeu o poder de controlar nossos pensamentos. E quando alguma idéia, plano ou objetivo torna-se dominante, atua como um ímã atraindo para nós as forças, as pessoas, as circunstâncias e os recursos correspondentes.<sup>20</sup> Assim, podemos abrigar uma atitude mental negativista de “não se pode”, ou uma atitude mental entusiasta de “sim, se pode”. A primeira atrairá aqueles fatores que levarão ao fracasso, enquanto que a segunda fará com que se acerquem de nós os elementos que cooperarão para que alcancemos êxito. Tal verdade é descrita nos versos que seguem:

*Se você pensa que está derrotado, está.  
Se pensa que não tem coragem, não tem.  
Se gostaria de vencer, mas pensa que não pode,  
É quase certo que não poderá.*

*Se pensa que vai perder, está perdido.  
Pois, no mundo, descobrimos  
Que o sucesso começa com a vontade  
do indivíduo...  
Tudo depende do estado de espírito.*

*Se pensa que foi ultrapassado, foi.  
Você tem que pensar alto para subir,  
Precisa ter confiança em si mesmo,  
Antes de algum dia ganhar um prêmio.*

*As batalhas na vida nem sempre são ganhas  
Pelo mais forte ou o mais rápido.  
Mas, cedo ou tarde, aquele que vence  
É aquele que pensa que pode vencer!<sup>21</sup>*

## Domínio próprio

Platão já dizia que “a primeira e maior vitória é vencer a si mesmo. Ser vencido pelo eu é, entre outras coisas, a mais vergonhosa e vil”.<sup>22</sup> A falta de domínio próprio no líder gera uma atmosfera de intranquilidade no grupo. É necessário saber se controlar mesmo nas situações mais difíceis, enfrentando-as com confiança e tranquilidade. Um comportamento assim tem um efeito positivo sobre os seguidores, mantendo um clima de segurança. Também é verdade que “o homem que domina a si mesmo pela autodisciplina nunca será dominado por outros”.<sup>23</sup>

O domínio próprio inclui o controle

sobre as palavras. Ao buscar comunicar-se, o líder deve fazê-lo de forma compassada, clara, firme e objetiva, demonstrando um comportamento proativo e nunca reativo, lembrando que o homem é escravo do que diz e senhor do que não diz.<sup>24</sup>

## Honestidade

Especialistas em liderança realizaram uma pesquisa para identificar as características que as pessoas mais apreciavam em um líder. Depois de analisarem os dados obtidos em entrevistas com mais de 20 mil pessoas, em quatro continentes, perceberam que apenas quatro características foram assinaladas por mais da metade dos entrevistados. São elas: competência (63%), inspiração (68%), visão de futuro (75%) e honestidade (88%).<sup>25</sup> Tal pesquisa ressalta que a honestidade ainda é muito apreciada como qualidade moral de um líder. Um bom conselho é: “Não faça nada que desfaria se fosse pego.”<sup>26</sup> Um líder pode ter uma gama de poderes, mas deve usá-los sempre de maneira ética.

“Se você usar o poder legitimado, peça as coisas educadamente. Se usar o poder de recompensa, cumpra suas promessas. Se usar o poder coercitivo, informe muito bem às pessoas que trabalham com você a respeito das regras e das penalidades por violá-las; faça advertências antes de punir, e administre a disciplina de modo muito consistente e rápido. Se usar o poder referencial, tome atitudes que justifiquem e sempre mantenham esse poder. Trate bem as pessoas, seja atencioso quanto às necessidades e aos sentimentos dos outros, mostre sua aprovação quando alguém fizer coisas que o agradem e defenda os interesses das pessoas quando estiver atuando como representante do grupo. Se usar o poder de especialista, não faça nada que ponha em perigo aqueles que confiam em sua perícia.”<sup>27</sup>


O líder também deve incentivar o comportamento ético de seus seguidores. Isso pode ser feito evitando-se metas não realistas e através do estudo de minicasos que ensinarão como se comportar em situações que exigem ética.<sup>28</sup>

## Confiança

É importante que o líder demonstre confiança em Deus e também nas pessoas com as quais trabalha. Deve lem-

brar que confiança gera confiança, e que, em contrapartida, desconfiança gera desconfiança. É até preferível confiar nas pessoas e de vez em quando ser decepcionado, do que passar toda uma existência desconfiando dos outros. “A confiança é a base de todos os relacionamentos harmoniosos.”<sup>29</sup>

A confiança deve ainda ser focalizada em sua missão. Mais do que qualquer outra pessoa, o líder deve crer que sua missão é importante e possível. O hábito de colocar à nossa volta lembretes sugestivos, tais como dizeres nas paredes e gravuras (Deut. 6:6-9), que expressem confiança no êxito da nossa missão cria uma atmosfera de otimismo que facilita a concretização de nossos objetivos.<sup>30</sup>

Enfim, todos os atributos aqui mencionados devem caracterizar um líder eclesiástico no seu trato com Deus e com os homens. Desse modo, cada líder, conforme a graça concedida por Deus, e atuando no local onde Ele o colocou, deve agir com responsabilidade, amor e sabedoria, servindo à Igreja e ajudando a conduzi-la até o seu destino final. 

### Referências:

- <sup>1</sup> Emilson dos Reis, *Como Preparar e Apresentar Sermões* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), págs. 106 e 107.
- <sup>2</sup> Napoleon Hill, *Pense e Enriqueça*, 6ª ed. (Rio de Janeiro, RJ: Record, 2002) pág. 42.
- <sup>3</sup> John Maxwell, *As 21 Indispensáveis Qualidades de um Líder* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2000), págs. 134 e 135.
- <sup>4</sup> *Ibidem*, págs. 135 a 137.
- <sup>5</sup> J. R. W. Penteado, *Técnica de Chefia e Liderança* (São Paulo, SP: Livraria Editora Pioneira, 1973), pág. 18.
- <sup>6</sup> Napoleon Hill, *A Chave Mestra das Riquezas*, 11ª ed. (Rio de Janeiro: Record, 1997), pág. 167.
- <sup>7</sup> John Maxwell, *Op. Cit.*, págs. 70 e 71.
- <sup>8</sup> Ramon J. Aldag e Buck Joseph, *Liderança e Visão: 25 Princípios Para Promover a Motivação* (São Paulo, SP: Publifolha, 2002), pág. 30.
- <sup>9</sup> Andrew Carnegie, citado em *A Chave Mestra das Riquezas*, pág. 111.
- <sup>10</sup> Napoleon Hill, *Pense e Enriqueça*, pág. 85.
- <sup>11</sup> *Ibidem*, pág. 114.
- <sup>12</sup> John Maxwell, *Op. Cit.*, pág. 157.
- <sup>13</sup> *Ibidem*, págs. 127 e 128.
- <sup>14</sup> John Maxwell, *Op. Cit.*, págs. 100 e 101.
- <sup>15</sup> Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1969), pág. 117.
- <sup>16</sup> J. R. W. Penteado, *Op. Cit.*, pág. 17.
- <sup>17</sup> *Ibidem*, pág. 111.
- <sup>18</sup> Napoleon Hill, *A Chave Mestra das Riquezas*, pág. 155.
- <sup>19</sup> *Ibidem*, pág. 162.
- <sup>20</sup> Napoleon Hill, *Pense e Enriqueça*, págs. 32, 33 e 60.
- <sup>21</sup> *Ibidem*, pág. 63.
- <sup>22</sup> Platão, citado em *Ibidem*, pág. 268.
- <sup>23</sup> Napoleon Hill, *A Chave Mestra das Riquezas*, pág. 186.
- <sup>24</sup> Lenilson Naveira e Silva, *Líder Sábio – Novo Perfil de Liderança do Terceiro Milênio*, 2ª ed. (Rio de Janeiro, RJ: Record, 2001), pág. 108.
- <sup>25</sup> Jim Kouzes e Barry Posner, citados em Ramon J. Aldag e Buck Joseph, *Op. Cit.*, pág. 55.
- <sup>26</sup> Leah Arendt, citado em *Ibidem*, pág. 57.
- <sup>27</sup> Ramon J. Aldag e Buck Joseph, *Op. Cit.*, pág. 56.
- <sup>28</sup> *Ibidem*, pág. 58.
- <sup>29</sup> Napoleon Hill, *A Chave Mestra das Riquezas*, pág. 120.
- <sup>30</sup> *Ibidem*, pág. 132.



# CANTANDO EM TERRA ESTRANHA



**BARRY BLACK**

*Ph.D., chefe dos capelães  
da Marinha norte-americana*

**S**obre o desolado monte repousavam as ruínas de uma cidade que, no passado, havia sido o lugar sagrado de um povo orgulhoso e próspero. Seus muros e torres ainda permaneciam suntuosos apontando para o céu. A cúpula dourada do seu magnífico templo cintilava à luz do Sol do meio-dia. Longas caravanas serpenteavam dentro e fora dos portões de seus centros comerciais. Em qualquer lugar, a bênção de Deus podia ser notada.

Mas o povo dessa cidade afastou-se de Deus. Tornou-se egoísta e desprovido de princípios. Seu pecado causou a sua decadência, pois assim como “a justiça exalta as nações, o pecado é o opróbrio dos povos” (Prov. 14:34). Fogo e espadas destruíram a cidade e seus habitantes foram levados como cativos para Babilônia. Nós encontramos alguns desses cativos assentados às margens dos rios de Babilônia, no Salmo 137. Esse salmo salienta um lamento comunitário emitido por um povo que conhecia o sofrimento do exílio.

Uma vez na terra do exílio, os israelitas foram poupados de muitos sofrimentos, mas havia um desgosto que parecia além do que era possível suportar. A tristeza experimentada pela perda de

*A vida pastoral também é ameaçada por perigos, armadilhas e dificuldades. Mas devemos rejeitar a idéia de pendurar a harpa*



Sião afigurava-se esmagadora para eles. E os babilônios reagiam, diante do vitupério dos cativos: “Pois aqueles que nos levaram cativos nos pediam canções, e os nossos opressores, que fôssemos alegres, dizendo: Entoai-nos algum dos cânticos de Sião” (v. 3). Entretanto,

mesmo estando no meio da abundância, os israelitas declararam a pesarosa lamentação e dúvida: “Como, porém, haveríamos de entoar o canto do Senhor em terra estranha?” (v. 4). E recusaram-se a cantar. Penduraram suas harpas silenciosas “nos salgueiros” do rio (v. 2).



A decisão dos israelitas no sentido de pendurar as harpas foi um engano. Recusaram-se a cantar as glórias de Sião, porque sua cidade capital residia em ruínas e seus entes queridos foram destruídos por esse poder idólatra. Recusando-se a retomar as harpas, eles viam-se a si mesmos sob uma luz majestosa, mas a verdade é que perderam uma grande oportunidade. Se quisessem cantar, eles poderiam ter demonstrado a eficácia da gratidão. Não nos ordena a Escritura: “Em tudo, dai graças” (I Tess. 5:18)? Poderiam ter mostrado que a presença de Deus não é limitada pela geografia e que nada pode separar-nos do Seu amor (Rom. 8:38). Mas em vez disso, preferiram calar-se, ruminar sua dor, em silêncio.

### Louvor em qualquer situação

O desafio de cantar o cântico do Senhor em uma terra estranha não é novo. Muitas pessoas são confrontadas com o dilema de como levar espiritualidade pessoal ao ambiente de trabalho sem parecer extremistas. Outras acham difícil cantar, permanecer otimistas diante de dificuldades, reveses ou perdas. Alguns parecem temperamentalmente predispostos ao pessimismo. Outros permitem que pecados cometidos no passado roubem sua alegria, recusando-se a confessá-los e abandoná-los. Silenciam suas harpas, colocando-as no armário, negando-se a cantar em solo estranho.

E é verdade que algumas vezes nós sentimos a estranheza de nossa terra. Quando pensamos nas condições que imperam em muitas prisões, não somos porventura lembrados da estranheza dessa terra? Não nos sentimos em um solo estranho, quando ouvimos falar de seqüestros, estupros, assassinatos, roubos, guerras, abuso infantil, enfim, violência em suas várias formas? Esse mundo não é nosso lar.

Israel deveria ter cantado. Infelizmente, a música e o regozijo estavam longe do seu coração. A ira e o desejo de vingança açoitavam seu espírito. Sim, Deus parecia estar distante, mas a estranheza das circunstâncias nunca é justificativa para que penduremos as harpas. Jesus nos deixou um exemplo da disposição para cantar em meio à tempestade do sofrimento e mesmo na aproximação da morte. Além disso, o louvor produz liberdade. Os israelitas deveriam ter cantado.

Podemos rejeitar a idéia de pendurar

as harpas, comprometendo-nos a colocar em prática três coisas: A primeira, devemos abolir a idéia de usar as circunstâncias estranhas como desculpa. Segunda, devemos seguir o exemplo de Jesus, também no modo como Ele cantou através do sofrimento. E finalmente, a terceira, devemos permitir que o louvor nos liberte. A prática desses princípios exercerá um impacto libertador em nossa vida.

### A desculpa das circunstâncias

Não raro nos comportamos como se nossa experiência seja a única. Mas Paulo, em I Coríntios 10:31, nos lembra que as provas que enfrentamos são comuns à humanidade. Outras pessoas estão viajando conosco através do estranho país da queda, frustração e temor. Muitos desses santos têm aprendido a cantar a despeito das lutas. Estamos, portanto, sem desculpas.

Um amigo pastor procurava transmitir alívio a uma mulher que tivera uma das pernas amputada. Quando ele entrou no quarto do hospital, antes que pudesse dizer qualquer palavra de ânimo para aquela irmã, ela tomou a iniciativa da conversa e disse: “Pastor, dou graças porque Deus é muito bom. Eu poderia ter perdido as duas pernas.” Ela aprendera a cantar o cântico do Senhor em um país estranho.

Posteriormente, em Babilônia, os valorosos hebreus Daniel e seus três companheiros decidiram não valer-se de desculpas. Propuseram no coração seguir a dieta que honrava a Deus. Determinaram-se a não se desviar da estrita integridade e não se curvaram diante da imagem do rei quando a música os convidou a isso. Deram ouvidos a outra melodia, vinda de um Ser celestial que os capacitou a viver honradamente mesmo em uma terra estranha.

Certa vez um amigo de Sócrates o estava incentivando a valer-se da oportunidade de escapar da morte. Mas o filósofo respondeu-lhe que “a coisa realmente importante não é viver, mas viver bem... E viver bem significa a mesma coisa que viver de maneira honrada e justa.” Nós somos chamados a viver honradamente, cantando o cântico do Senhor em uma terra estranha.

### O exemplo de Cristo

Jesus foi um estrangeiro neste mundo. Deixou o cântico dos querubins e serafins para vir a este planeta em uma

missão salvadora. Foi desprezado e rejeitado (Isa. 53), sofreu abuso e maus-tratos. Parentes e mesmo amigos íntimos freqüentemente se mostraram incompreensivos com Ele. A Terra, para Jesus, era uma terra estranha, mas Ele Se recusou a pendurar a harpa.

Apenas uma vez no Novo Testamento é dito que Jesus cantou (Mat. 26:30). E Ele o fez justamente na noite em que foi traído. Ele cantou depois de lavar os pés dos discípulos. Cantou enquanto a sombra de uma cruz pairava inequivocamente em Seu caminho. Cantou enquanto Judas apressava-se em traí-Lo. Cantou ao terminar a última ceia. Sim, Ele cantou prestes a experimentar as agonias do Getsêmani e do monte chamado Calvário, lugar da caveira. Se Jesus pôde cantar em uma estranha terra de sofrimento, não temos desculpas para não fazê-lo.

### A liberdade do canto

Nós confundimos o inimigo, Satanás, quando cantamos o cântico de Deus em uma terra estranha, pois em nosso Deus habita o louvor (Sal. 22:3). O inimigo espera que respondamos às intempéries da vida com queixas e desespero. Mas o louvor nos leva à presença divina. A recusa em pendurar a harpa produz ânimo vindo de Deus.

Paulo e Silas foram encarcerados (Atos 16) injustamente. Foram açoitados sem o benefício do processo de um julgamento, sem que lhes fosse permitido defender-se. Eles passaram por um estranho mundo de injustiça. Mas em lugar de pendurar a harpa, começaram a cantar e os outros prisioneiros os ouviram. Seu jubiloso canto influenciou de tal maneira o Céu que o chão tremeu e as cadeias foram destruídas, pois o louvor liberta.

Nossa vida, mesmo como pastores, é ameaçada por perigos, armadilhas e dificuldades, mas devemos rejeitar a idéia de pendurar a harpa. Nosso Salvador promete ser conosco, mesmo em uma terra estranha. Ele é poderoso para livrar-nos de cair (Jud. 24). Ele prometeu suprir todas as nossas necessidades, segundo as Suas insondáveis riquezas (Fil. 4:19). Foi preparar-nos um lugar e prometeu voltar para nos buscar e levar-nos para viver a eternidade com Ele (João 14:1-3).

Mesmo em terra estranha, sempre há motivos pelos quais podemos cantar. **M**



# QUESTIONAMENTOS SOBRE ELLEN WHITE



William de Moraes

## ALBERTO R. TIMM

*Ph.D., professor de Teologia Histórica no Centro Universitário Adventista de São Paulo e diretor do Centro de pesquisas Ellen G. White, Engenheiro Coelho, SP, Brasil*

O cristianismo se tornou um mosaico religioso complexo e heterogêneo, extremamente dividido em sua compreensão da Bíblia. O claro sentido da Palavra de Deus tem sido anuviado por pressuposições antibíblicas derivadas de tradições humanas, da razão humana, da experiência pessoal e da cultura moderna. A fim de resgatar a interpretação das Escrituras de tais pressuposições, Deus proveu, de acordo com os adventistas do sétimo dia, uma manifestação não canônica moderna do dom profético na vida e obra de Ellen G. White (1827-1915).

Desde os primórdios do seu movimento, os adventistas têm expressado, implícita ou explicitamente, sua confiança nesse dom, não apenas em livros e artigos mas também em suas várias declarações oficiais de crenças e nas mais representativas exposições dessas crenças. Como em muitas ocasiões anteriores, os delegados das assembleias gerais de Utrecht (1995) e Toronto (2000) também aprovaram documentos especiais expressando sua confiança no dom. No entanto, todos esses esforços não têm conseguido inibir alguns

*Primeira parte de uma palestra apresentada na General Conference Field Conference in Theology, Grécia e Turquia, 20/04 a 07/05/2002, e na Primeira Conferência Internacional sobre Ellen G. White e História Adventista, Battle Creek, Michigan, 15-19/05/2002*

indivíduos e grupos específicos de adventistas de questionar a validade desse dom ou de distorcer alguns ensinamentos de Ellen White.

O presente estudo aborda brevemente o desenvolvimento de questões contemporâneas sobre Ellen White; algumas perguntas fundamentais sobre o assunto, que merecem ser consideradas mais seriamente; e algumas estratégias práticas para fortalecer a confiança no seu dom profético.

### Questões contemporâneas

Para compreender as questões contemporâneas básicas que a Igreja Adventista do Sétimo Dia enfrenta a respeito de Ellen White e sua função na denominação, é importante examinarmos como as críticas de não adventistas e de ex-adventistas ao ministério da Sra. White foram aceitas em alguns círculos acadêmicos denominacionais; como ministérios independentes têm usado erroneamente os escritos dela para acusar a denominação de apostasia; e como os dois grupos estão popularizando recentemente suas respectivas agendas em

âmbito mundial através da Internet e de outros recursos.

*Críticas antigas sob nova roupagem acadêmica (1970-1985).* Modernas críticas eruditas adventistas a Ellen White foram grandemente estimuladas pela revista *Spectrum* (um periódico não oficial da Igreja) do outono de 1970, na qual os eruditos adventistas foram encorajados a estudar os seus escritos de uma perspectiva histórico-crítica. Mas as raízes hermenêuticas de tais críticas podem ser encontradas já nos escritos antiadventistas de Dudley M. Canright (1840-1919), o mais importante e influente crítico da Sra. White e de sua obra. Canright deixou a denominação em fevereiro de 1887, após um período de altos e baixos espirituais e emocionais, dedicando os 32 anos restantes de sua vida à tarefa de criticar o adventismo e seus ensinamentos, incluindo o ministério profético de Ellen White. Sua postura belicosa para com a Sra. White derivou em grande parte de sua indisposição pessoal de aceitar os seus conselhos. Ele a admirava e a defendia antes de ela o repreender por "atitudes não corretas". A partir de então, "ele se voltou contra ela".<sup>1</sup>



John Lutz



A frustração pessoal de Canright teve conseqüências hermenêuticas sobre a forma como ele via o ministério profético de Ellen White. Não admitindo mais que Deus era a fonte sobrenatural das suas mensagens, Canright teve que buscar maneiras naturais e psicológicas de explicar tanto o conteúdo das mensagens como o fenômeno que ela experimentava quando em visão. Ele não se constrangeu em sugerir que as visões eram transe psicológicos derivados de “doença nervosa, uma complicação de histeria, catalepsia e êxtase”, e que tais pseudo-revelações ocorreram apenas durante a vida sexual fértil dela, da puberdade à menopausa. Ele a acusou, entre várias outras coisas, de ser “uma grande plagiadora” e de haver crido na teoria errônea da porta fechada.<sup>2</sup>

Canright pode ser considerado o pai das críticas a Ellen White, pois ele não apenas sistematizou as críticas anteriores e concebeu novas críticas contra ela, mas também antecipou quase todas as questões que seriam futuramente levantadas. Autores adventistas produziram respostas úteis às acusações feitas por ele, mas tais respostas não conseguiram evitar ressurgimentos futuros dessas críticas. Os críticos não adventistas que surgiram depois de Canright normalmente apenas o seguiam em sua linha de argumentação. Críticos adventistas e ex-adventistas mais recentes podem até aprofundar e expandir as idéias dele, mas raramente alguém é capaz de levantar questões que não foram mencionadas nos escritos de Canright.

Foi no início da década de 70 que as críticas de Canright começaram a ecoar mais perceptivelmente em alguns círculos acadêmicos adventistas. Não que esses eruditos enfrentassem as mesmas crises espirituais e emocionais de Canright ou que suas idéias derivassem diretamente dele, mas o uso do criticismo histórico (também conhecido como “método histórico-crítico”) os levou praticamente às mesmas conclusões. Benjamim McArthur, professor de História Americana no *Southern Missionary College*, mencionou em 1979 que a nova geração de revisionistas adventistas trabalhava sob a pressuposição comum de que “o contexto cultural no qual Ellen White viveu e trabalhou moldou em grande parte seus escritos sobre história, profecia, saúde e, por extensão, todos os demais assuntos por ela abordados”. Conseqüentemente, “a natureza de sua inspiração” e “a sua

autoridade na Igreja” estavam sendo contestadas. McArthur explica que, uma vez que “a fé ortodoxa e o julgamento histórico-crítico são incompatíveis”, “o problema não é que os historiadores adventistas não crêem na liderança providencial de Deus, mas sim que não existe forma de eles a incluírem nas exposições históricas”.<sup>3</sup>

Se o problema de Canright em relação a Ellen White foi primariamente de natureza existencial, com implicações hermenêuticas, para a nova geração de revisionistas adventistas era basicamente a aceitação de uma nova abordagem hermenêutica secular com implicações existenciais. Embora os pontos de partida ideológicos diferissem entre si, em ambos os casos o elemento divino sobrenatural foi completamente removido das visões dela. Conseqüentemente, as questões levantadas pelos revisionistas modernos eram praticamente as mesmas de Canright. Mas uma vez Ellen White estava sendo fortemente criticada, entre várias outras coisas, por haver reivindicado ter recebido visões proféticas quando tais experiências eram consideradas apenas como transe psicológicos. Ela foi novamente acusada de plágio e de haver crido na teoria errônea da porta fechada.<sup>4</sup>

Ellen White afirmou, já em 1887, que “temos bem mais a temer o que vem de dentro [da igreja] do que o que vem de fora”,<sup>5</sup> e essas palavras têm-se cumprido claramente em relação às críticas ao seu ministério. Enquanto Canright deixou a Igreja por sua própria iniciativa, antes de começar a publicar suas críticas contra Ellen White, muitos porta-vozes da nova geração de revisionistas mantiveram-se como membros da Igreja a fim de poderem criticar Ellen White dentro dela, como pretensos seguidores da mesma fé. O excluído Canright obteve muitos discípulos no mundo evangélico mais amplo e talvez alguns poucos dentro do adventismo, mas não conseguiu, durante sua existência, infiltrar o próprio adventismo com suas idéias. Cinco décadas mais tarde as críticas de Canright começaram a ser ecoadas mais perceptivelmente em alguns círculos acadêmicos adventistas.

Nutridas e propagadas por vários adventistas de alta erudição e de personalidade carismática, essas críticas abalaram a confiança em Ellen White em uma proporção bem maior de adventistas do que a que Canright havia conse-

guido em seus dias. Muito do impacto deveu-se ao fato de que praticamente cada novo crítico que surgia no cenário reivindicava originalidade para as suas descobertas, sem reconhecer quaisquer relações com os estudos prévios de Canright sobre esses mesmos assuntos. Assim, muitas pessoas, não familiarizadas com as raízes históricas das questões discutidas, eram levadas a crer que uma verdade muito significativa, e por muito tempo suprimida, veio finalmente à luz.

A década de 70 e o início da de 80 foram o período mais prolífico de estudos histórico-críticos sobre Ellen White. Mas a década de 90 viu a publicação das obras de Dale Ratzlaff intitulada *The Cultic Doctrine of Seventh-Day Adventists* (1996), criticando muitos dos ensinamentos de Ellen White, e de Dirk Anderson sob o título *White Out* (1999), menosprezando todo o seu ministério profético. Na qualidade de ex-adventistas, Ratzlaff e Anderson se encontram em sintonia com Canright em suas críticas a Ellen White. Os dois livros estão espalhando muitas sementes em alguns círculos adventistas não plenamente cientes das raízes históricas de tais críticas.

*Relendo Ellen White da perspectiva da tradição histórica adventista inicial* (1985-1998). O efeito desintegrador dos modernos estudos histórico-críticos de Ellen White desafiou alguns ministros ordenados já aposentados e alguns membros conservadores. Conseqüentemente, desde meados da década de 1980, foram estabelecidos ministérios independentes de “reforma” dentro da Igreja, buscando enaltecer a autoridade profética da Sra. White através de esforços para levar as pessoas de volta às tradições doutrinárias dos primórdios do adventismo. Um importante ponto de partida nesse processo foi o lançamento, em 1985, de *Our Firm Foundation*, o mais difundido periódico adventista independente comprometido com a causa desses ministérios. Mas as raízes desses ministérios podem ser encontradas já em Robert J. Wieland e Donald K. Short, que começaram a acusar a liderança no final da década de 50, de rejeitar a assim chamada “mensagem de 1888” sobre a justificação pela fé. M. L. Andreasen, no final da década de 50, acusou a liderança de desviar a Igreja dos ensinamentos adventistas tradicionais sobre o sacerdócio expiatório de Cristo no santuário celestial e Sua natureza caída durante a encarnação.



Difundidas dentro da denominação desde a década de 50, tais críticas assumiram um tom mais belicoso a partir de meados da década de 80. Muitas citações dos escritos de Ellen White foram usadas para provar que a denominação rejeitou realmente não apenas a mensagem de 1888 mas também as compreensões adventistas iniciais tanto da expiação como da natureza humana caída de Cristo durante a encarnação. Uma vez que muitos líderes e teólogos da Igreja não viam esses ensinamentos como em plena harmonia com a Bíblia e os escritos de Ellen White, alguns ministérios independentes decidiram proclamá-los como verdadeiros testes de discipulado para a Igreja Adventista. Em resposta, a Divisão Norte-Americana publicou, em 1992, um documento oficial de desaprovação à obra desintegradora por eles realizada,<sup>6</sup> e a Associação Geral publicou em 2000 um documento atualizado com o mesmo teor.<sup>7</sup> Mas esses documentos não conseguiram evitar que tais ministérios construíssem uma espécie de “igreja dentro da igreja” tida como mais fiel a Ellen White.

Proclamando que a Igreja e sua liderança estão em completa apostasia do assim chamado “adventismo histórico”, os ministérios independentes têm gerado dentro da Igreja não apenas uma atitude antiorganizacional mas também o desejo de uma restauração mais séria dos antigos ensinamentos adventistas. Conseqüentemente, muitos membros estão recorrendo hoje não apenas aos escritos de Ellen White, mas também aos escritos de outros adventistas contemporâneos dela.

Útil como esse “restauracionismo” possa ser para preservar a identidade adventista, ele pode facilmente gerar releituras artificiais dos escritos de Ellen White. Embevecidos com a abordagem fortalecedora da fé que caracterizava o adventismo do século 19, algumas pessoas são tentadas, primeiro, a ler os escritos de outros pioneiros adventistas e a assumir que todos os ensinamentos deles, não explicitamente condenados por Ellen White em seus escritos, foram plenamente endossados por ela. O passo seguinte é buscar endossos a esses ensinamentos através de releituras seletivas e tendenciosas dos seus escritos. Estranho como possa parecer, esse tem sido exatamente o critério hermenêutico que algumas pessoas estão usando hoje para provar, por exemplo, que Ellen White era tão antitrinitariana como outros adventistas de sua época.<sup>8</sup>

Ênfase demasiada na autoridade das tradições doutrinárias dos primeiros adventistas pode levar as pessoas a aceitar, mesmo inconscientemente, a história adventista inicial como quase tão “inspirada” como os próprios escritos de Ellen White. Estudos histórico-críticos assumem que esses escritos foram simplesmente gerados pelo ambiente religioso-cultural norte-americano do século 19. Estudos tradicionalistas sugerem que eles devem ser interpretados da perspectiva de outros autores adventistas do século 19. Em ambos os casos, demasiada ênfase é colocada sobre o papel da tradição para entender-se os escritos dela. Deveríamos estudá-los à luz do contexto histórico no qual foram produzidos, mas sem cairmos nos extremos do criticismo histórico ou do tradicionalismo.

*Desafiados por uma globalização mundial das críticas (1998- )*. No mundo que antecedeu à Internet, as questões relacionadas a Ellen White e ao seu ministério profético tinham uma circulação limitada dentro do adventismo. A maioria dessas questões era difundida em inglês através de livros, algumas revistas, ou outras publicações. Críticas internas a Ellen White proliferavam em lugares específicos dentro da denominação, mas ainda em um escopo geográfico bem limitado. Mas com o desenvolvimento da Internet e o estabelecimento de alguns sites contra Ellen White, como o de Dirk Anderson, <http://www.ellenwhite.org>, essas críticas começaram a se difundir em âmbito mundial entre adventistas e não adventistas que possuem acesso direto ou indireto à Internet. Tradutores estão sendo recrutados a fim de tornar essas críticas disponíveis em outras línguas. Mas mesmo que traduções formais ainda não estejam disponíveis em determinada língua, muitos leitores daquela língua podem ter acesso a programas de tradução para computadores que os ajudam a entender pelo menos as idéias básicas dos textos críticos.

Ellen White declarou que nos últimos dias “todo vento de doutrinas” estaria soprando (cf. Efés. 4:14) e que os membros da Igreja seriam “testados e provados individualmente”.<sup>9</sup> Estou pessoalmente convencido de que a Internet está desempenhando um papel muito crucial em ajudar a cumprir essas predições. Está ocorrendo hoje uma séria globalização de críticas a Ellen White e de interpretações distorcidas dos seus escritos. No

passado, essas questões eram geralmente levantadas sucessivamente e mais perceptivelmente através de publicações específicas, significando que velhas questões tendiam a ser substituídas por novas questões. Mas hoje, praticamente todas as questões do passado e do presente estão disponíveis simultaneamente e menos perceptivelmente nos lares e escritórios dos membros que têm acesso à Internet, não permitindo aos pastores locais saberem exatamente quantos dos membros de suas igrejas estão sendo ideologizados por essas questões.

Uma avalanche de críticas a Ellen White e de interpretações distorcidas dos seus escritos está atingindo a Igreja num tempo em que muitos novos conversos (e indefesos) estão ingressando na denominação sem conhecimento suficiente para responder a esses desafios. Os estudos bíblicos pré-batismais e pós-batismais hoje, em algumas partes do mundo, nem sempre são tão fortes como costumavam ser, e não conseguem vacinar os novos crentes contra essas questões. Isso tem deixado os novos conversos vulneráveis aos desafios mencionados anteriormente.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia construiu, ao longo das décadas, um forte arsenal de respostas em língua inglesa para enfrentar esses questionamentos. Mas, por outro lado, muitas críticas e distorções doutrinárias estão sendo traduzidas hoje para várias outras línguas, e a Igreja não parece bem preparada para enfrentar um espectro tão amplo de desafios. (Continua) **M**

#### Referências:

- 1 Arthur L. White *Ellen White* (Washington, DC: Review and Herald, 1982), vol. 6, pág. 436.
- 2 D. M. Canright, *Seventh-day Adventism Renounced* (Kalamazoo, MI: Kalamazoo Publishing Co., 1888), págs. 49 e 50; Idem, *Life of Mrs. E. G. White* (Cincinnati, OH: Standard Publishing Company, 1919), págs. 103-144, 189-206.
- 3 B. McArthur, “Where are historians taking the Church?” *Spectrum*, vol. 10 (novembro de 1979), págs. 9 e 11.
- 4 Alberto R. Timm, “A history of seventh-day adventist views on biblical and prophetic inspiration (1844-2000)”, *Journal of the Adventist Theological Society*, vol. 10 (1999), págs. 513-522.
- 5 E. G. White, “The church’s great need”, *Advent Review, and Sabbath Herald*, 22/03/1887, pág. 177.
- 6 *Issues: The Seventh-day Adventist Church and Certain Private Ministries* (Silver Spring, MD: North American Division, 1992); “The Seventh-day Adventist Church & Certain Private Organizations”, suplemento em *Adventist Review*, 05/11/1992.
- 7 “Report on hope international and associated groups”, *Adventist Review*, agosto de 2000, págs. 34-37; *Ministry*, agosto de 2000, págs. 14, 15, 28-31.
- 8 Algumas declarações de Ellen White a respeito da Trindade aparecem no livro intitulado *Evangelismo*, págs. 613-617.
- 9 E. G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 5, págs. 80 e 463.



## DSA lança evangelismo de 2004

Da ASN

Com a presença dos líderes de todos os seus Campos e instituições, a liderança da Divisão Sul-Americana realizou, no dia 3 de maio, o lançamento do programa de Evangelismo Mundial 2004. O evento ocorreu em Brasília e foi transmitido ao vivo pela TV Adsat Novo Tempo.

“A Igreja Adventista tem a missão de anunciar o evangelho ao mundo. A Associação Geral dá as coordenadas para o trabalho mundial e, ao longo dos anos, muitos projetos têm sido colocados em prática”, explica o Pastor Alejandro Bullón, acrescentando que “a ênfase na evangelização mundial será o evangelismo nos grandes centros urbanos, através de campanhas públicas, semanas de colheita, pequenos grupos e trabalho pessoal.”

Por sua vez, o presidente da DSA, Pastor Ruy Nagel, afirmou: “Aqui na América do Sul fazemos evangelismo todos os anos. Em 2004, vamos dar ênfase na evangelização mundial. As idéias e sugestões da Associação Geral serão acrescentadas ao nosso plano normal de trabalho.”

### Envolvimento total

O primeiro objetivo a ser alcançado com o projeto Evangelismo Mundial



Busca de poder para evangelizar

2004 é envolver todas as congregações no sistema de pequenos grupos e realização de uma semana de colheita. Pretende-se envolver jovens, mulheres, crianças, evangelistas voluntários, colportores e, pelo menos 50% de todos os servidores de tempo integral da Igreja em alguma campanha evangelística.

As instituições de saúde estão sendo incentivadas a realizar campanhas evangelísticas em sua área de ação. Associações e Missões deverão trabalhar para alcançar locais onde ainda não há presença adventista.

### Promoção e treinamento

O projeto estará respaldado por uma intensa campanha publicitária através dos principais veículos oficiais de comunicação (*Revista Adventista*, *Ministério*, *Revista do Ancião*, *Revista da Afam*, *Rádio Novo Tempo*, *TV Adsat*), além dos boletins e jornais locais.

As Uniões e os Campos serão responsáveis pelo preparo de materiais, pela coordenação e realização de seminários de treinamento em todas as congregações, durante este ano e o início de 2004. Além disso, deverão ser fortalecidas as estratégias de colheita dentro do já conhecido programa “Um milhão em ação”.

### Apoteose

A semana de 30 de novembro a 6 de dezembro de 2004 será a semana inten-



Administradores da DSA: evangelismo todos os anos



Participantes do concílio da Divisão Sul-Americana

siva de colheita em todas as congregações da América do Sul. “Essa semana será a apoteose do programa de evangelismo, e outros grandes eventos serão realizados em todos os recantos do território sul-americano”, informa o Pastor Bullón.


Todos os adventistas do mundo estarão orando pelo êxito desse empreendimento. A liderança da Associação Geral já reservou uma data para isso, ou seja, a última semana de dezembro deste ano. Um dia dessa semana deverá ser reservado para jejum em favor do projeto. **M**



# Igreja comemora 100 anos no Paraguai

Patricia Müller

Da ASN

**D**urante este ano, a Igreja Adventista no Paraguai vai realizar uma série de eventos para comemorar os 100 anos da presença adventista no país. Os pioneiros adventistas chegaram no Paraguai em 1903, com o propósito de pregar a Palavra de Deus ali. Hoje o Paraguai tem mais de 11 mil membros, 17 instituições educacionais, duas clínicas de saúde e dezenas de templos. Durante todos os anos, são distribuídas milhares de publicações com a mensagem de salvação. Além disso, centenas de crianças e famílias carentes são atendidas pelos programas da Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, Adra. 



## COM CRISTO E COM VOCÊ

O VI Encontro dos Jubilados da União Central-Brasileira, terá lugar no UNASP II, nos dias 21-26 de janeiro de 2004.

**Despesas:** Inscrição até 30/08/03 - R\$ 50,00  
2ª parcela - hospedagem 30/09 - R\$ 90,00  
3ª parcela - hospedagem 30/10 - R\$ 85,00

**Pedidos para inscrição com o Pr. Zeferino Stabenov, caixa postal 101 - 13160-000 - Artur Nogueira - SP**  
O Encontro está aberto também para os nossos irmãos da 3ª idade.

**Se você gostou dos eventos anteriores, prepare-se para emoções maiores**

## ORAÇÃO DE UM PASTOR

RECEBE-ME EM TEUS BRAÇOS, MEU SENHOR.  
SEM TEUS BRAÇOS, O MUNDO É TÃO ESCURO;  
COM TUA MORTE, VENCESTE A MORTE,  
E EM TEUS BRAÇOS SINTO-ME SEGURO.

RECEBE-ME EM TEUS BRAÇOS, MEU AMIGO.  
LONGE DOS TEUS BRAÇOS NÃO EXISTE ABRIGO;  
MAS SE ME CERCAM ONDAS DE PERIGO  
EU, NOS TEUS BRAÇOS, LICO PROTEGIDO.

RECEBE-ME EM TEUS BRAÇOS, Ó MEU DEUS!  
POIS EU CONFESSO, NÃO SEI CAMINHAR.  
MAS SE TEUS BRAÇOS SUSTENTAREM OS MEUS,  
COM CONFIANÇA POSSO AVANÇAR.

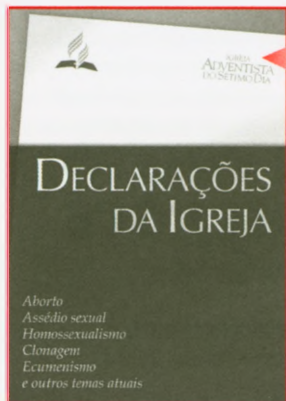
RECEBE-ME EM TEUS BRAÇOS, Ó MEU PAI!  
POIS SÓ TEUS BRAÇOS SATISFAZEM MAIS E MAIS.  
QUERO EM TEUS BRAÇOS VIVER CADA DIA;  
E DOS TEUS BRAÇOS NÃO SAIR JAMAIS.

JAIR GÓIS

## HUMOR







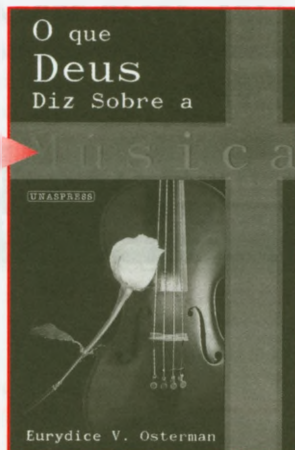
**DECLARAÇÕES DA IGREJA –**

Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-970 Tatuí, SP; Tel. 0800-990606, 223 páginas.

As pessoas frequentemente perguntam qual a posição da Igreja Adventista sobre vários assuntos. Este livro apresenta as respostas esperadas. O volume é formado por uma valiosa coleção de declarações e orientações discutidas, aprovadas e votadas pela liderança da Igreja desde 1980. Nele, você encontrará análises equilibradas sobre temas variados, polêmicos e atuais, como aborto, assédio sexual, homossexualismo, uso de drogas, jogos de azar, clonagem humana e ecumenismo.

**O QUE DEUS DIZ SOBRE A**

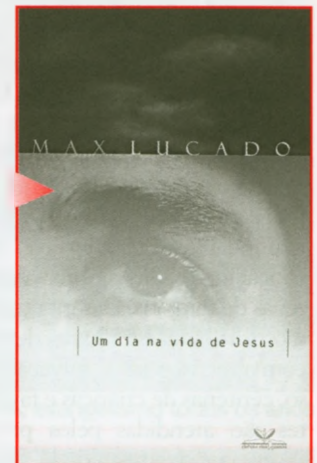
**MÚSICA – Eurydice V. Osterman,** Imprensa Universitária Adventista, Engenheiro Coelho, SP; Tel. (19) 3858-9055, 107 páginas.



Este livro foi escrito para abordar os temas que são frequentemente levantados a respeito do efeito da música sobre o corpo, mente e espírito. Aborda essas questões a partir da perspectiva bíblica e não meramente pessoal. O leitor verá que Deus não é silente quanto a tais assuntos. Compreenderá também que a música tem um papel a desenvolver na nova ordem mundial, e que ela tem um profundo efeito sobre a formação do caráter, a única parte do ser que levaremos para o Céu. O livro também apresenta princípios práticos para a escolha da música edificante, enriquecedora e apropriada.

**UM DIA NA VIDA DE JESUS –**

Max Lucado, Editora Vida Cristã, Rua Carlos Meira, 396, Penha, CEP 03605-010 São Paulo, SP; e-mail [editora@vidacrista.com.br](mailto:editora@vidacrista.com.br), 239 páginas.



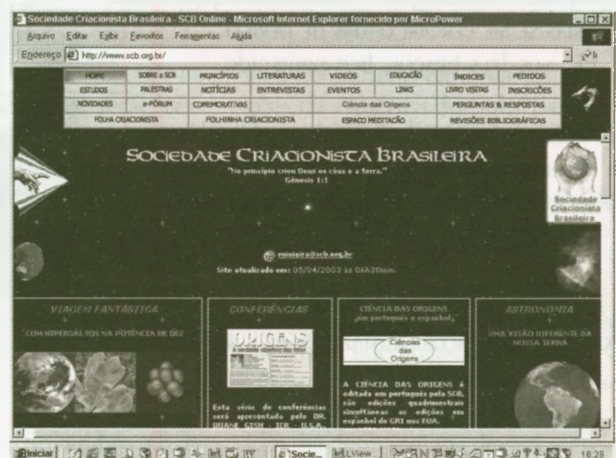
O dia mais estressante na vida de Jesus foi o de Sua morte por crucifissão. Já o segundo foi o dia em que soube da morte de João Batista. Acompanhe Jesus durante a caminhada dessas horas relatadas pelos evangelistas e interpretadas por um dos maiores autores cristãos da atualidade.

**VEJA NA INTERNET**

[www.scb.org.br](http://www.scb.org.br)

Esse é o endereço do site da Sociedade Criacionista Brasileira, dirigida pelo Dr. Ruy Vieira, desde a sua fundação, há mais de 30 anos. O site é dividido em uma quantidade bem grande de áreas, que podem ser alcançadas a partir dos links colocados na parte superior da tela inicial. Vale a pena conferir os seguintes títulos: **Palestras** – reúne palestras e conferências proferidas por criacionistas adventistas em diversos fóruns (algumas estão em *power point*). São abordados assuntos como: Tempo, Origem dos idiomas; Big Bang, Evolução, Origem da vida, Dinossauros, etc. **Notícias** – notas curtas sobre temas criacionistas em evidência. **Entrevistas** – diversas, principalmente do Dr. Ruy Vieira. **Links** – uma lista de sites sobre criacionismo, astronomia e astrofísica. **Folhinha Criacionista** – contém outros textos e explicações bem interessantes, como, por exemplo, sobre a longevidade dos patriarcas bíblicos. **Perguntas & Respostas** – aí estão as questões mais fre-

qüentes, com respostas bem objetivas. Acho que você vai precisar do conteúdo deste site em algumas ocasiões, e vai gostar. – Márcio Dias Guarda, editor de Mídia Digital da CPB.





# Procura-se um pastor



Divulgação

## JONAS ARRAIS

Secretário ministerial associado  
da Divisão Sul-Americana

O conceito bíblico de pastorear espiritualmente o rebanho de Deus não teve início no Novo Testamento. Na verdade, essa era uma das funções dos sacerdotes e profetas do Antigo Testamento. E a Bíblia comenta que alguns deles não realizaram um bom trabalho nesse sentido. Frustraram as expectativas de Deus. Em uma mensagem direta, o Senhor diz: “Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do Meu pasto! Diz o Senhor. ... Vos dispersastes as Minhas ovelhas, e as afugentastes, e delas não cuidastes...” (Jer. 23:1 e 2).

Em Ezequiel 34:2-10, os comentários continuam: “Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! ...não apascentais as ovelhas... A fraca não fortaleceste, a doente não curaste, a quebrada não ligaste, a desgarrada não tornaste a trazer e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor... Minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes... sem haver quem as procure ou quem as busque... Minhas ovelhas foram entregues à rapina e se tornaram pasto para todas as feras do campo, por não haver pastor... Eis que eu estou contra os pastores...”

O próprio Jesus Se referiu a esse tipo de abuso e negligência espiritual (João 10:3-5, 11 e 12). E o apóstolo Pedro enfatiza a maneira correta e a verdadeira motivação para um pastor cuidar do rebanho: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho” (1 Ped. 5:2 e 3).

Deus tem bonitas expectativas quanto ao trabalho que os pastores de-

vem realizar junto ao Seu povo. Aqui estão algumas delas:

- Manter as ovelhas unidas.
- Atender as necessidades espirituais do rebanho.
- Alimentar devidamente o rebanho.
- Cuidar das ovelhas fracas e assistir às enfermas.
- Buscar as que abandonaram o aprisco.
- Proteger dos ataques inimigos.
- Guiar as ovelhas com amor e segurança.
- Conhecer-las pelo nome.

Vamos analisar um pouco essas expectativas. Primeiramente, entendendo as responsabilidades pastorais através dos diferentes nomes usados para designar seu ofício. Depois, olhando passagens específicas que lançam alguma percepção quanto às responsabilidades ministeriais.

## Presbitério

A palavra *presbitério* (1 Tim. 4:14) era usada para indicar o corpo coletivo dos anciãos do povo, no sinédrio dos judeus, composto dos principais sacerdotes e líderes religiosos. O termo *presbitério* aparece 67 vezes na Bíblia, traduzido como “pastor”, e algumas vezes como “ancião”. Os anciãos representam uma classe de pessoas maduras, espirituais e de grande experiência. Homens reconhecidos pelo equilíbrio, sabedoria e habilidade em aconselhar. Certamente fazem a diferença na igreja, encorajando e orientando os membros.

## Episkopos

Essa palavra grega aparece cinco vezes no Novo Testamento e pode ser traduzida como “superintendente” ou “bispo” da igreja. Em 1 Pedro 2:25 refere-se a Cristo como supremo Bispo e


Pastor. A idéia que está por trás dessa palavra é a de guardião, visitador e administrador. Um pastor tem como responsabilidade supervisionar a igreja, de maneira global, para estar seguro de que tudo está sendo feito de acordo com a vontade de Deus. É alguém que zela pelo bem-estar dos membros e cumpre a função de ser um guardião das doutrinas.

## Poimen

O termo grego *poimen* é o mais descritivo quanto ao trabalho de um líder de igreja. Pode ser traduzido como “pastor”, palavra que está relacionada com o ensino, consolo, direção, proteção e nutrição (Atos 20:28; 1 Ped. 5:2). Nos dias do Antigo Testamento, o pastor de ovelhas cuidava e guiava o rebanho com segurança e amor, no que deve ser imitado pelo pastor espiritual. Alimentar, curar, compreender e estar junto das ovelhas deve ser uma alegre tarefa para os pastores de hoje (João 21:15 e 16).

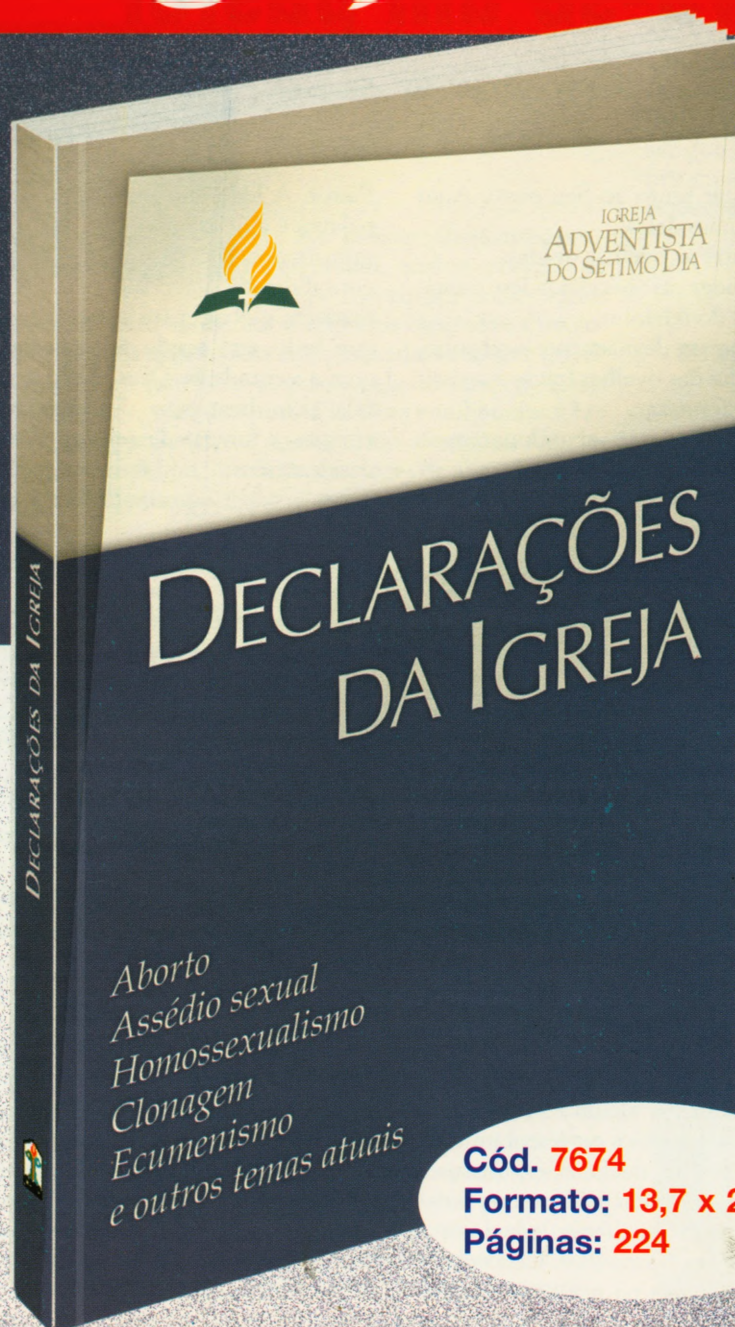
## Para refletir

Por que algumas vezes ainda encontramos pastores autoritários, indiferentes, parciais, insensíveis e duros no trato com os membros da igreja? Pense nisso, pastor. Como está o seu ministério? Você tem sido um pastor segundo o coração de Deus? Tem procurado ser um líder sensível para com as necessidades dos membros? Como está seu relacionamento com eles? As feridas estão sendo curadas? A ovelha perdida está sendo buscada?

Jamais perca a visão do trabalho que Deus espera de você. Que seu ministério seja uma declaração de amor a Jesus e aos membros de sua igreja. “Amas-Me? ...Apascenta as Minhas ovelhas.” 



# Saiba qual a posição da Igreja em relação a:



- Aborto
- Assédio Sexual
- Homossexualismo
- Clonagem
- Ecumenismo
- Uso de Drogas
- Jogos de Azar
- e outros temas

As pessoas, freqüentemente, perguntam qual é a posição da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre vários assuntos. Este livro, finalmente apresenta as respostas esperadas.

Cód. 7674  
Formato: 13,7 x 20 cm  
Páginas: 224

Ligue: 0800-990606\*, acesse [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br) ou entre em contato com o SELS de sua Associação.

\*Sua chamada pelo 0800 é gratuita. Só receberemos ligações de telefones convencionais.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 94 - Tatui, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800 - Fax: (15) 250-8900

